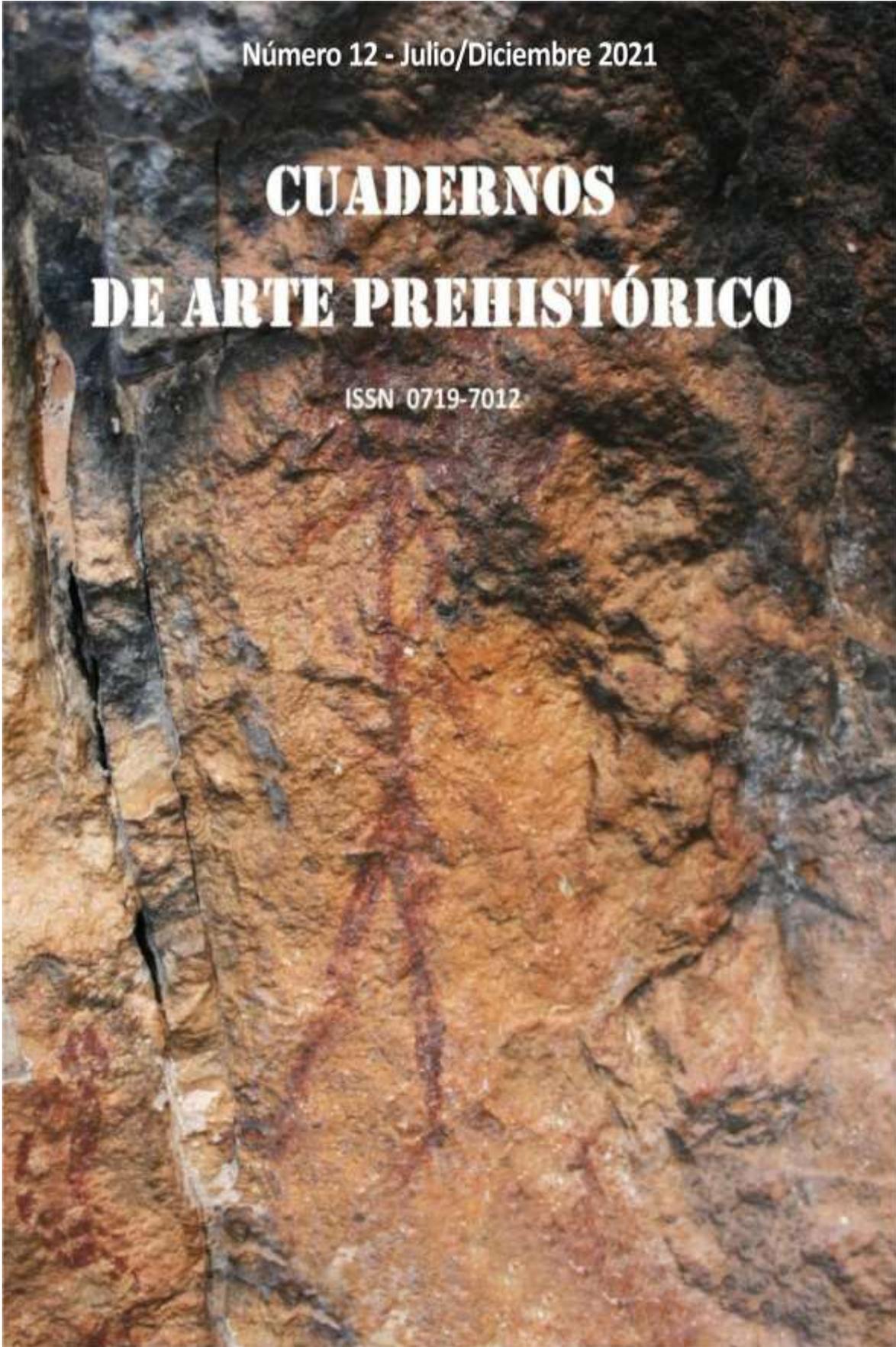


Número 12 - Julio/Diciembre 2021

**CUADERNOS
DE ARTE PREHISTÓRICO**

ISSN 0719-7012





CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

CUERPO DIRECTIVO

Director

Miguel Ángel Mateo Saura

Instituto de Estudios Albacetenses Don Juan Manuel, España

Editor

Juan Guillermo Estay Sepúlveda

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Cuerpo Asistente

Traductora: Inglés

Pauline Corthorn Escudero

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Traductora: Portugués

Elaine Cristina Pereira Menegón

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Archivo y Documentación

Carolina Cabezas Cáceres

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

Portada

Felipe Maximiliano Estay Guerrero

Editorial Cuadernos de Sofía, Chile

COMITÉ EDITORIAL

Dr. Hipólito Collado Giraldo

Dirección General de Patrimonio Cultural de Extremadura, España

Dr. Adolfo Omar Cueto

Universidad Nacional de Cuyo, Argentina

Dr. Juan Francisco Jordán Montés

Instituto de Estudios Albacetenses Don Juan Manuel, España

Dr. Juan Antonio Gómez-Barrera

IES Castilla de Soria, España

Dr. José Ignacio Royo Guillén

Dirección General de Patrimonio Cultural de Aragón, España

Dr. José Royo Lasarte

Centro de Arte Rupestre y Parque Cultural del Río Martín, España

Dr. Juan Francisco Ruiz López

Universidad de Castilla-La Mancha, España

Dr. Juan Antonio Seda

Universidad de Buenos Aires, Argentina

Dr. Miguel Soria Lerma

Instituto de Estudios Giennenses, España

Dr. Ramón Viñas Vallverdú

Instituto Catalán de Paleoecología Humana y Evolución Social, España



CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

COMITÉ CIENTÍFICO INTERNACIONAL

Dra. Primitiva Bueno Ramírez

Universidad de Alcalá de Henares, España

Dr. Rodrigo de Balbín Berhmann

Universidad de Alcalá de Henares, España

Dr. Jean Clottes

CAR-ICOMOS, Francia

Dra. Pilar Fatás Monforte

Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira, España

Dr. Marcos García Díez

Universidad del País Vasco, España

Dr. Marc Groenen

Université Libre de Bruxelles, Bélgica

Dr. Mauro Severo Hernández Pérez

Universidad de Alicante, España

+ Dr. José Antonio Lasheras Corruchaga

Museo Nacional y Centro de Investigación de Altamira, España

Dr. José Luis Lerma García

Universidad Politécnica de Valencia, España

Dr. Antonio Martinho Baptista

Parque Arqueológico y Museo del Côa, Portugal

Dr. Mario Menéndez Fernández

Universidad Nacional de Educación a Distancia, España

Dr. George Nash

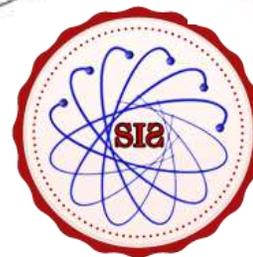
Universidad de Bristol, Inglaterra



CUADERNOS DE SOFÍA EDITORIAL

Indización

Revista Cuadernos de Arte Prehistórico, se encuentra indizada en:



CENTRO DE INFORMACION TECNOLOGICA



**CUADERNOS DE SOFÍA
EDITORIAL**

ISSN 0719-7012 / Número 12 / Julio – Diciembre 2021 pp. 283-330

O SÍTIO RUPESTRE MORRO DO JACARÉ, REGIÃO DE CAETITÉ, BAHIA, BRASIL

**EL SITIO CON ARTE RUPESTRE MORRO DEL JACARÉ,
REGIÓN DE CAETITÉ, BAHÍA, BRASIL**

Dr. D. Sebastião Lacerda de Lima Filho

Laboratório de Arqueologia e Paleontologia, Universidade Estadual da Bahia, Brasil
Laboratório de Estudos Arqueológicos (LEA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Brasil
ORCID: 0000-0002-9218-8615
arqueologiasobradinho@gmail.com

Fecha de recepción: 17 de marzo de 2021 - **Fecha de revisión:** 29 de marzo de 2021

Fecha de aceptación: 07 de abril de 2021 - **Fecha de publicación:** 01 de julio de 2021

Resumo

Estudos de registros gráficos têm ganhado cada vez mais espaço na literatura arqueológica especializada, não apenas pelas reflexões emblemáticas relacionadas, mas, sobretudo, pelo potencial de informação que o tema pode fornecer. Independente do campo de atuação do arqueólogo, seja academia ou arqueologia preventiva, ele pode produzir conhecimento e conhecer parte das manifestações das comunidades pré-coloniais que habitaram os mais distintos espaços do país, e neste caso, do Nordeste brasileiro. Portanto, o presente artigo é parte dos resultados obtidos durante uma pesquisa realizada na região de Caetité (Bahia) no ano de 2014. O relatório técnico original da pesquisa foi solicitado como medida de preservação e conservação de um sítio de Arte Rupestre (registros gráficos) no âmbito da Arqueologia Preventiva. O mesmo foi solicitado pela FLORAM e CHESF, e foi posteriormente enviado ao órgão federal de preservação do patrimônio cultural e arqueológico, neste caso o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, como requisito mitigador para identificação e caracterização dos registros gráficos encontradas no sítio em questão e sua relação com o contexto regional.

Palavras-Chave

Registro Gráfico – Arqueologia Preventiva – Patrimônio arqueológico

Resumen

Los estudios de registros gráficos han ganado cada vez más espacio en literatura arqueológica especializada, no sólo por las reflexiones emblemáticas relacionadas, sino, sobre todo, por el potencial de información que el tema puede proporcionar. Independientemente del campo de acción del arqueólogo, ya sea academia o arqueología preventiva, puede producir conocimiento y conocer parte de las manifestaciones de las comunidades precoloniales que habitaban los espacios más distintos del país, y en este caso, el noreste brasileño. Por lo tanto, este artículo es parte de los resultados obtenidos durante una investigación realizada en la región de Caetité (Bahía) en 2014. El informe técnico original de la investigación fue solicitado como medida de conservación y conservación de un sitio de Arte Rupestre (registros gráficos) dentro del ámbito de la Arqueología Preventiva. Lo mismo fue solicitado por FLORAM y CHESF, y más tarde fue enviado a la agencia federal para la preservación del patrimonio cultural y arqueológico, en este caso el Instituto Nacional de Patrimonio Histórico y Artístico – IPHAN, como requisito atenuante para la identificación y

O sítio rupestre Morro do Jacaré, Região de Caetitê, Bahia, Brasil pág. 284

caracterización de los registros gráficos encontrados en el sitio en cuestión y su relación con el contexto regional.

Palabras Claves

Registro gráfico – Arqueología Preventiva – Patrimonio arqueológico

Para Citar este Artículo:

Filho, Sebastião Lacerda de Lima. O sítio rupestre Morro do Jacaré, Região de Caetitê, Bahia, Brasil. Revista Cuadernos de Arte Prehistórico, num 12 (2021): 283-330.

Licencia Creative Commons Attribution Non-Comercial 3.0 Unported
(CC BY-NC 3.0)

Licencia Internacional



1. Introdução

Este artigo foi elaborado pela necessidade de se conhecer o patrimônio arqueológico da região de Caetité, na Bahia que vem sendo evidenciado pela diversidade de trabalhos realizados na região em apreço. É importante frisar que essas pesquisas realizadas buscam atender a demanda das empresas ligadas a construção civil na região em questão. O mesmo centra-se em um estudo de caso isolado, um sítio de registros gráficos encontrados na região, localizado a aproximadamente dez quilômetros da malha central da cidade e, em estado avanço de degradação por fatores físico-químicos, biológicos e antrópicos. Houve uma constante e duradoura retirada de material arenítico em toda a área direta do sítio para construção civil. O que ainda pôde ser vistoriado durante as atividades atuais de campo. Percebe-se um claro distanciamento da comunidade do entorno acerca desse patrimônio. Poucos demonstram qualquer interesse em conhecer e conservar.

O sítio em questão se configura como pré-colonial situado na alta vertente de um *inselberg*, uma formação geomorfológica do tipo serrote, numa altura de 980 metros. Localiza-se próximo à Fazenda Cuba e próximo a Fazenda São Félix, zona rural de Caetité – BA (SAD69 23L 762036/8451055). É um sítio do tipo toca com registros rupestres (com uma relativa quantidade de painéis e unidades gráficas, em colorações que variam do vermelho ao amarelo). A pesquisa detalhada realizada no mesmo e na área circundante permitiu o registro e caracterização dessas evidências. Seu tamanho está cotado em 60m de comprimento x 5m de altura. Os painéis estão localizados nas laterais e no teto da toca, que está orientada a Norte-Sul e tem uma abertura de 3,70 cm.

Apresenta 06 (seis) painéis de pintura rupestres em coloração vermelho e amarelo, sendo que uma boa parte das mesmas não são figuras reconhecíveis. Através do tipo de pigmentação utilizado nos traços para produção gráfica e pela quantidade de representações reconhecíveis, há indícios de as pinturas tratar-se da Tradição São Francisco definida por Prous¹ e presente tanto no vale do São Francisco quanto em regiões de Minas Gerais. A proximidade dos dois estados corroboram essa tese. A presença de figuras geométricas, bastonetes e ziguezagues, amplamente encontrados na região do Médio e Submédio São Francisco e ainda amplamente mapeadas na Área Arqueológica de Sobradinho - BA, na Região da Chapada Diamantina e nas áreas de Influência do Rio São Francisco, no permite propor no estudo atual da pesquisa que as mesmas tratam-se do mesmo padrão gráfico definido no presente momento como Subtradição Sobradinho².

O estado de conservação do sítio é baixo. Além das intempéries inerentes à região, foi possível perceber que a área está sendo vitimada pela extração de maciços rochosos de calcário para a construção civil. Também foi possível visualizar vestígios de ocupação recente no sítio através de fogueiras.

¹ A. Prous, *Arqueologia Brasileira* (Brasília: Ed. UNB, 1992).

² C. Kesting, *Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho*. Recife. UFPE. 2007. [Tese de Doutorado]; S. L. Lima de Filho, *Temática Dominante nas Pinturas Rupestres do Boqueirão do Riacho das Traíras, no Município de Sento Sé – BA*. UNIVASF. São Raimundo Nonato, Piauí. 2010. [Monografia de Graduação]; S. L. Lima de Filho, *Pintura Rupestre: definição das fronteiras da subtradição Sobradinho – BA*. Aracaju. Universidade Federal de Sergipe/UFS. 2013. [Dissertação de mestrado]; L. Ribeiro, *Os Significados das Similaridades e do Contraste entre os Estilos de Arte Rupestre: Um estudo regional das pinturas e gravuras do alto médio São Francisco*. USP. São Paulo. 2006. [Tese de Doutorado]; S. S. SOUZA, *Cenografia Emblemática da Tradição São Francisco na Área Arqueológica de Sobradinho – BA*. UNIVASF. São Raimundo Nonato, PI. 2010. [Monografia de Graduação].

Destacamos que essa pesquisa objetivou caracterizar, diagnosticar e identificar o padrão de reconhecimento e a temática dominante das pinturas, presentes no sítio em questão, buscando com isso definir os limites atuais do território onde domina a temática que caracteriza a Tradição São Francisco, amplamente identificada no sítio em apreço, assim como acumular dados que permitam traçar um panorama do estado de conservação e medidas de preservação para o local. Essa preservação é fundamental porque aos poucos estes vestígios vem desaparecendo devido a uma série de fatores de ordem natural, biológica e antrópica. In loco pudemos constatar a deterioração ocasionada pela presença de microorganismos que estão desgastando tanto os painéis quanto os suportes que os abrigam.. Há um desgaste acelerado de muitas das rochas. Ocorrem, ainda, insetos, raízes de plantas fixas nos suportes, exposição à chuva, ao vento ao sol e também ao fator humano. Entende-se que são necessárias medidas de registro e de estudo. É necessário, também, um trabalho preventivo nas áreas analisadas, mesmo que este aconteça em pesquisas posteriores, para que se acompanhe o estado evolutivo do sítio de maneira detalhada, antes que o mesmo se deteriore e desapareça por completo. Iniciou-se esta pesquisa com a hipótese de que as pinturas rupestres encontradas no sítio em questão pertencem à Tradição São Francisco.

Justifica-se a pesquisa em apreço, porque se pretende ampliar o quadro de atributos da identidade dos grupos pré-históricos que ocuparam a região Nordeste do Brasil, numa tentativa de reconhecer relações culturais filogenéticas com as populações atuais que, por atavismo, continuam residindo junto às feições de relevo. Quer-se tornar conhecido o patrimônio cultural que herdaram para iniciar um trabalho de educação popular com o intuito de fomentar a preservação de um patrimônio que aos poucos vem desaparecendo devido a uma série de fatores inerentes ao próprio meio. Quer-se levantar dados que fomentem pesquisas posteriores que situem os grafismos no espaço e no tempo. Pretende-se, ainda, criar e enriquecer um banco de dados cadastrais e fotográficos que será mantido em laboratório com o objetivo de preservar informações sobre a pré-história dessa região.

A pesquisa gerará informações para a realização de inferências hipotéticas sobre a autoria de grupos pretéritos e sentimentos de pertencimento dos grupos atuais. Frisa-se que as pesquisas já realizadas e outras atualmente desenvolvidas em toda a região NE têm demonstrado que se trata de uma área ocupada por grupos pré-históricos desde o final do Pleistoceno até períodos recentes do Holoceno³.

2. Algumas considerações acerca dos estudos dos registros gráficos

2. 1. Pesquisas em pintura rupestre no Brasil

Existem referências de que, em meados do século XVII, o padre Francisco Telles dedicou-se ao estudo de grafismos rupestres no Brasil. Para ele, esses sinais representariam mapas e indicações de tesouros deixados nas rochas pelos nativos ou pelos holandeses, quando eles ocuparam a região Nordeste. Tentou decifrá-los fazendo analogias com o alfabeto hebraico e o grego. Comparou-os, também, com signos zodiacais⁴.

³ G. Martin, *Pré-História do Nordeste do Brasil*. (Recife: UFPE, 2008); C. Kesting, *Identidade dos Grupos Pré-históricos...*

⁴ C. X. Azevedo Netto, *Arte Rupestre no Brasil: Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação*. UFRJ. Rio de Janeiro. 2001. [Tese de Doutorado]; L. Ribeiro, *Os Significados das Similaridades...*

Suas pesquisas permitiram o surgimento de duas correntes interpretativas para a arte rupestre brasileira. A primeira via as pinturas como uma linguagem pré-escrita. A segunda analisava-as como símbolos de planetas, estrelas, constelações, ou quaisquer outros objetos ligados ao espaço⁵.

No século XIX, discutia-se se esses registros eram mesmo de origem humana, ou se não passavam de processos causados por agentes naturais. No século XX, os registros rupestres ganharam destaque no meio acadêmico. Havia dois grupos definidos. O primeiro defendia o estudo e a valorização das pinturas rupestres porque elas eram uma espécie de pré-escrita incipiente, carregada de significados. Para o segundo grupo, essas manifestações não passavam de caprichos dos nativos do passado. Nada informavam a respeito da vida dos mesmos e, portanto, não deveriam ser dignas de atenção⁶.

Civilizações há muito desaparecidas, tais como fenícios ou mesopotâmicos. A sua visão preconceituosa não permitia atribuir a autoria deles aos indígenas. Para eles, as comunidades encontradas no território brasileiro, na época do descobrimento, eram muito atrasadas para comporem esses vestígios. Os mesmos eram considerados incapazes de elaborar desenhos com tamanha simetria e precisão⁷.

Na década de 1960, os antropólogos H. Baldus e J. A. Pereira classificaram pinturas rupestres de Santana da Chapada, adotando critérios relacionados com o estilo e a técnica. Inauguraram, assim, dois métodos básicos e fundamentais para qualquer estudo em pintura rupestre. Depois deles, muitos pesquisadores buscaram adotar teorias e estabelecer parâmetros para o estudo da arte rupestre em diferentes contextos. Destacam-se os trabalhos de Annette Laming-Emperaire, pesquisadora francesa, que demonstrou a existência de regras essenciais seguidas pelos autores na confecção dos grafismos. Sob sua responsabilidade realizaram-se as primeiras datações dos registros gráficos da região de Minas Gerais. Laming-Emperaire buscava inseri-los no contexto pré-histórico regional e nacional⁸.

As pesquisas arqueológicas ampliaram-se a partir da década de 1970, com as missões Franco-brasileiras, no Estado de Minas Gerais e na região Sudeste do Piauí. A partir da pesquisa e da geração de bancos de dados, Niède Guidon e André Prous sintetizaram os resultados de suas áreas de pesquisa (Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí e Lagoa Santa, MG, respectivamente). Esses pesquisadores criaram quadros relativamente completos de referências, com as diferentes manifestações, bem como suas distribuições no território brasileiro⁹.

A identificação de registros rupestres é um forte indício da presença ou da passagem de grupos pré-históricos em uma determinada região. Os mesmos podem ser encontrados em grutas, boqueirões, paredes de abrigos ou em outros tipos de suporte. São produzidos sobre a superfície de rochas que, em muitos casos, não podem ser

⁵ M. Gaspar, *A arte rupestre no Brasil* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003); G. Martín, *Pré-História do Nordeste...*

⁶ C. X. Azevedo Netto, *Arte Rupestre no Brasil...*, 2001; M. Gaspar, *A arte rupestre no Brasil...*

⁷ A. Prous, *Arqueologia Brasileira...*

⁸ A. Prous, *Arqueologia Brasileira...*; M. GASPARELLO, *A arte rupestre no Brasil...*; A. M. Baeta, *Os Grafismos Rupestres e suas Unidades Estilísticas no Carste de Lagoa Santa e Serra do Cipó – MG*. USP. São Paulo. 2011. [Tese de Doutorado].

⁹ A. Prous, *Arqueologia Brasileira...*; L. Ribeiro, *Os Significados das Similaridades...*

transportadas. P. I. Schmitz¹⁰ compreende arte rupestre como “as mais variadas expressões gráficas produzidas em suportes rochosos, do tipo grutas, paredes de abrigos, rochas isoladas ou agrupadas em campo aberto, ou em outro tipo qualquer de suporte”.

2. 2 Pesquisas em pintura rupestre no nordeste do Brasil

As primeiras pesquisas sobre pinturas rupestres na região Nordeste do Brasil não tinham contexto arqueológico desvendado. Estavam ligadas, exclusivamente, a descrições. Levavam-se em consideração as características gerais desses grafismos e sua dispersão espacial nos suportes.

Na tentativa de ordenar esses vestígios, Guidon¹¹ sugeriu uma classificação preliminar. Os grafismos da região Nordeste do Brasil foram divididos, então, em quatro grupos de registros gráficos. As pinturas foram segregadas em três tradições: Nordeste, Agreste e Geométrica. As gravuras o foram, na tradição Itacoatiara. A respeito desse refinamento Pessis¹² argumenta:

“No grupo dos registros rupestres pintados e reconhecíveis, foi possível identificar duas grandes classes caracterizadas pelo tipo de grafismo que as compunham e a proporção em que apareciam. Foi relativamente fácil fazer essa distinção porque, no Nordeste do Brasil, se identificaram duas classes de pinturas reconhecíveis: as pinturas em que as figuras representavam pessoas e animais muito freqüentemente desenvolvendo ações da vida quotidiana e cerimonial, e as pinturas em que as figuras representavam pessoas e animais em posição estática, sem desenvolver nenhuma ação. Os painéis são de figuras acompanhadas de grafismos não reconhecíveis, que possuem uma morfologia que se repete nos diferentes sítios em que este grupo de pinturas é dominante”.

Com essa classificação inicial começaram os estudos sistemáticos dos registros rupestres. Pesquisas arqueológicas realizadas nas últimas décadas permitiram desvendar, no Parque Nacional Serra da Capivara, um contexto arqueológico que tem sido importante para os estudos desses vestígios. Este contexto, segundo Pessis¹³, “determinou a necessidade do estabelecimento de parâmetros mais afinados que aqueles utilizados na classificação preliminar”.

A classificação preliminar e o contexto arqueológico desvendado fomentaram o estabelecimento de critérios para o reconhecimento dos registros rupestres e de sua autoria social. Alguns deles apresentam características que permitem relacioná-los com objetos, com animais, com humanos, com plantas e com braços, mãos ou pés. Nesse trabalho, esses grafismos são considerados conhecíveis. Há outros que somente são identificados nas recorrências, por comparação ou por exclusão. A esses, no presente trabalho, considera-se como reconhecíveis. Outros há, ainda que, por perda de partes ou distribuição informe da tinta, não são reconhecíveis. Chama-se a eles de irreconhecíveis.

¹⁰ P. I. Schmitz et alii, *Arte Rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da Pré-História de Goiás e oeste da Bahia* (São Leopoldo – RS: UNISINOS, 1987).

¹¹ N. Guidon, *Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil*. CLIO-Arqueológica num 5 (1989), 5-10.

¹² A. M. Pessis, “Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-Históricos do Nordeste do Brasil”. CLIO – Série Arqueológica, Recife, Vol. 1 num 8 (1992), 42.

¹³ A. M. Pessis, *Identidade e Classificação...*

Ao serem identificados, desde as primeiras décadas deste século, os registros gráficos pré-históricos estiveram sob análise de diferentes abordagens e de pesquisadores com diferentes vieses de reflexão. Assim, duas vertentes principais surgiram no estudo e caracterização desses universos gráficos. Essas abordagens proporcionaram procedimentos analíticos diversificados e foram chamadas, segundo Pessis¹⁴, de abordagem clássica e a abordagem arqueológica.

Segundo a autora, a primeira abordagem entende os grafismos rupestres “como um objeto de estudo em si” e a segunda considera-os “como uma fonte de dados da pesquisa em pré-história e, portanto sua análise está estreitamente ligada ao conjunto da pesquisa arqueológica.” Ambas consideram os registros rupestres sob quatro aspectos: cronologias, significados, descrições e interpretações¹⁵.

A abordagem clássica dominou o cenário durante muito tempo. Pela diversidade e quantidade de pinturas rupestres descobertas nas mais variadas regiões do Brasil ela permitiu uma série de considerações sobre o significado dessa categoria de vestígios. Essa abordagem valorizava o valor estético das manifestações rupestres e buscava analogias com outros conjuntos espalhados pelas mais variadas regiões do planeta. Pela dificuldade em se estabelecer cronologias para esses vestígios, os pesquisadores desenvolveram categorias comparativas e trabalharam com um universo atemporal. O que levavam em consideração nessas análises era a produção gráfica final observada sem proporem uma escala temporal para essas manifestações. Contudo, observa-se que nessa abordagem clássica havia uma ausência de explicação quanto ao processo de produção gráfica. Levava-se em consideração apenas análises sincrônicas dos grafismos¹⁶.

Pela dificuldade em se interpretar ou posicionar esses vestígios numa escala temporal, as pesquisas encaminhavam-se para descrições exaustivas que proporcionavam acervos de detalhes com desenhos técnicos dos painéis, registros fotográficos e pouco conhecimento de ordem científica. Complementavam-se esses levantamentos com propostas classificatórias de ordem morfológicas tendo como elemento legitimador as similaridades e o grau de complexidade dos grafismos¹⁷.

Na tentativa interpretativa, essa abordagem desenvolveu uma quantidade expressiva de propostas explicativas. A parceria com outras ciências do conhecimento como a Antropologia e a Lingüística, por exemplo, permitiram alguns avanços. Segundo Pessis¹⁸,

“São contribuições interessantes que possuem em comum o mesmo grau de confiabilidade, onde todas são igualmente possíveis (...) São propostas conjecturais que podem ser úteis na medida em que possam passar ao plano das hipóteses, acompanhadas da explicação dos procedimentos necessários para sua confrontação com os fatos”.

¹⁴ A. M. Pessis, “Registros Rupestres, Perfil Gráfico e Grupo Social”. CLIO–Série Arqueológica num 9 (1993): 7-14.

¹⁵ P. A. Santos, Os Registros Rupestres da Região de Jaguarari, Bahia. São Raimundo Nonato – PI. UNIVASF. Monografia de Graduação em Arqueologia (2010).

¹⁶ A. M. Pessis, “Registros Rupestres...”, 1993.

¹⁷ C. X. Azevedo Netto, Arte Rupestre no Brasil..., 2001; L. Ribeiro, Os Significados das Similaridades..., 2006; A. Ismardis, Entre as Pedras: As ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de diamantina, Minas Gerais. USP. 2009. [Tese de Doutorado].

¹⁸ A. M. Pessis, “Registros Rupestres...”, 1993.

Contudo, entende-se que essas contribuições são por si mesmas fragmentárias no que tange ao entendimento da Pré-História. Mesmo pela quantidade de material descritivo e de propostas explicativas proporcionada por essa abordagem, a mesma ainda é bastante limitada quanto ao resgate e à identificação dos grupos realizadores dos registros gráficos, devido à falta de um contexto arqueológico sistematizado. Com isso um novo leque de parâmetros foi aberto para o estudo desses remanescentes rupestres.

No que se refere à abordagem de caráter arqueológico, as pinturas e as gravuras rupestres são compreendidas e analisadas como registros gráficos e atuam como fonte de dados para a pesquisa Pré-histórica em todo o seu universo. Para tal, elas devem ser pesquisadas com o objetivo de fornecer reais contribuições à pesquisa arqueológica. Devem atuar na construção de novos modelos explicativos, na formulação de novas hipóteses e também devem estar associadas a outros vestígios materiais de populações pretéritas para uma melhor contextualização desse referido universo vestigial.

A esse respeito Pessis¹⁹, argumenta:

[A] “sistematização dos registros rupestres do Nordeste é um grande empenho para que a mesma seja utilizada como variável arqueológica para a identificação e segregação dos grupos étnicos que viveram e se adaptaram às condições do interior do Nordeste, considerando, também, a variável paleoambiental”.

Pessis buscou bases teóricas para fundamentar o seu trabalho e encontrar a metodologia mais adequada para este tipo de pesquisa. Ao longo dos anos, lançou mão de conceitos analíticos para o registro rupestre como tradição, subtradição e estilo que, apesar de já existirem dentro da própria Arqueologia ou áreas afins, ganharam uma conotação mais sistematizada²⁰. Dessa forma, seguindo a abordagem arqueológica para o estudo dos registros gráficos, alguns aspectos foram definidos e aplicados a esse universo de pesquisa, no Brasil e especificamente no Nordeste.

O aspecto cronológico leva em conta a dimensão temporal dos registros. Propõem-se cronologias hipotéticas para conjuntos de grafismos. Essa segregação pode ocorrer a partir de parâmetros técnicos, cenográficos, temáticos ou de datação direta. As hipóteses levantadas deverão ser confrontadas em diversos sítios, de forma que se obtenha um grau de confiabilidade²¹.

O significado é entendido como algo inatingível para o pesquisador. O máximo que se atinge são aproximações conjecturais. Sua interpretação é somente possível pelos próprios autores. Somente eles detêm o código de acesso aos mesmos, para decodificá-los.

No que se refere ao aspecto descritivo, deve-se realizar o cadastro dos sítios de forma fidedigna, evitando termos de cunho subjetivo, contemplando apenas as informações visuais e o contexto em que estão inseridos²².

¹⁹ A. M. Pessis, “Registros Rupestres... 13.

²⁰ A. M. Pessis, “Registros Rupestres...”; P. A. Santos, Os Registros Rupestres...

²¹ A. M. Pessis, “Registros Rupestres...”

²² A. M. Pessis, “Registros Rupestres...”

De acordo com Pessis²³, é através do significativo que se busca chegar ao perfil gráfico por meio da análise temática, técnica e cenográfica, a partir da cronologia hipotética de cada um. Com um perfil gráfico identificado em vários sítios arqueológicos, pode-se chegar ao plano explicativo, com a formulação de proposições de prováveis autorias. Os perfis gráficos apresentam um conjunto de características padronizadas da cultura dos autores. Eles permitem, por isso, associar um dado conjunto de grafismos a uma determinada autoria social. Martin também compartilha dessa abordagem arqueológica²⁴.

Os estudos de registros gráficos seguiram diferentes abordagens para análise que permitiram formular hipóteses a respeito das representações gráficas e das intencionalidades dos autores. O Histórico – Culturalismo, por exemplo, continuou dominando as pesquisas por um significativo espaço de tempo. Dos seus pressupostos teóricos originaram-se os conceitos de tradição, subtradição e estilo. Segundo Prous²⁵, a adoção desses conceitos parece ser ainda apropriada para organizar o objeto de estudo em questão.

Com o passar do tempo, a abordagem processual ganhou fôlego. Nos estudos rupestres brasileiros isso não foi diferente. A necessidade de relacionar os registros gráficos com o ambiente tornou-se uma marca promissora nas pesquisas. Atualmente observa-se a junção dos dois vieses teóricos para identificação, caracterização e estudo das representações rupestres. É relevante frisar que, atualmente, há pesquisadores que tentam aplicar modelos pós-processuais para identificação de possíveis autorias sociais.

Ainda que se tenha em mente que todos os discursos sobre os eventos do passado são construções do presente, há certo limite para esse tipo de reflexão. Nos estudos dos registros gráficos isso parece ser muito mais difícil de realizar. As pesquisas até o presente momento permitem que se chegue próximo aos autores, mas não dá elementos para se deduzir o que pensavam. Isso de fato só será possível com a junção de outros elementos da cultura material, deixados pelos mesmos.

Os grafismos rupestres possibilitam delinear características culturais dos grupos que ocuparam um determinado espaço. Ao serem entendidos e estudados como parte de um sistema de comunicação social, eles fornecem informações sobre parte do comportamento dos grupos porque são representados a partir de quadros simbólicos de seus autores. As temáticas das pinturas são o resultado de pensamentos e da compreensão do mundo dos autores. Para reconhecê-los classificam-se os seus registros.

2. 3. Classificação: tradição e subtradição

O termo classificar permite o entendimento do ordenamento de coisas eventuais. A classificação, enquanto fonte analítica, vem sendo amplamente utilizada nas mais variadas vertentes do conhecimento, seja nas ciências exatas, nas humanas, e nas biológicas. Em Arqueologia as classificações atuam como forma de organizar, ordenar e de padronizar vestígios de diferentes naturezas²⁶. Trabalhos com embasamento teórico processual, como: Classificação em Arqueologia de Robert Dunnel²⁷ e Arqueologia

²³ A. M. Pessis, "Registros Rupestres..."

²⁴ A. M. Pessis, "Registros Rupestres..."; G. Martin, Pré-História do Nordeste...

²⁵ A. Prous, Arqueologia Brasileira...

²⁶ R. C. Dunnel, Classificação em Arqueologia. (São Paulo/EDUSP, 2009).

²⁷ R. C. Dunnel, Classificação em Arqueologia...

Analítica de David Clarke²⁸ servem de exemplos da necessidade de sistematização dos dados. Eles propõem a necessidade de parâmetros afinados para a classificação. No caso dos registros rupestres, merecem destaque os trabalhos de Schmitz²⁹, Prous³⁰, Pessis³¹, Guidon³² e ainda a revisão proposta por Martin e Guidon³³ no que tange ao refinamento das classificações referentes às tradições rupestres pospostas na década de 80.

O conceito de tradição em Arqueologia corresponde ao de horizonte cultural. No Brasil, foi inserido no contexto da pesquisa pelos americanos, Betty Meggers e Clifford Evans, arqueólogos do Smithsonian Institution em Washington (EUA), e mais tarde coordenadores gerais do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, implantado no país dos anos de 1965 a 1970. Esse projeto, de grande amplitude territorial, tinha como objetivo principal fornecer, de maneira rápida e eficiente, um quadro geral das culturas arqueológicas brasileiras. Ele serviu de parâmetro nas prospecções realizadas em várias partes do território brasileiro³⁴.

O primeiro ordenamento da arte rupestre brasileira foi feito por Valentin Calderón, na década de 1970, em trabalhos realizados no Estado da Bahia, quando estabeleceu a Tradição Realista. Ele adotou os princípios metodológicos do PRONAPA, quando os termos fase e tradição começaram a aparecer no universo terminológico da Arqueologia brasileira. Entretanto, suas pesquisas com a arte rupestre não tiveram sequência ou repercussão.

De fato, os primeiros estudos acadêmicos de arte rupestre brasileira foram marcados pela presença estruturalista das Missões Arqueológicas Franco-Brasileiras, que começaram suas atividades na mesma época. Rapidamente, as classificações da arte rupestre em tradições caracterizadas por padrões de similaridade temática e gráfica, seriam adotadas pelos arqueólogos das Missões de Minas Gerais e do Piauí, além de pesquisadores independentes³⁵. As pesquisas da Missão Arqueológica Francesa começaram em 1971, em Lagoa Santa (MG) e, mais tarde, as da Missão Franco-Brasileira na região Sudeste do Piauí (1975), onde o foco de estudo era o Parque Nacional Serra da Capivara. Ambas adotavam como critérios de análise a determinação estilística cronogeográfica, bem como a caracterização dos temas e composições gráficas³⁶.

²⁸ D. L. Clarke, *Arqueologia Analítica* (Barcelona: Bellaterra Ediciones S.A., 1984).

²⁹ P. I. Schmitz et alii, *Arte Rupestre no Centro...*

³⁰ A. Prous, *Arqueologia Brasileira...*; A. Prous, *Arte Pré-histórica do Brasil*. Anais da UFMG/MG, 2001. Disponível em: <https://comartevirtual.com.br/produto/arte-pre-historica-do-brasil>

³¹ A. M. Pessis, *Contexto e apresentação Social dos Registros Visuais da Antropologia Pré-Histórica*. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro, 1987; A. M. Pessis, *Imagens da Pré-história*. Parque Nacional Serra da Capivara. FUMDHUAM, 1ª edição, 2002.

A. M. Pessis, "Identidade e Classificação...", 1992; A. M. Pessis, "Registros Rupestres..."; A. M. Pessis y N. Guidon "Ars Indígenas Pré-Históricas do Brasil", *CLIO-Série Arqueológica* num 14 (2000): 12-25.

³² N. Guidon, "Tradições Rupestres da Área..."

³³ G. Martin y N. Guidon, "A Onça e as Orantes: Uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do NE do Brasil", *CLIO-Série Arqueológica* Vol: 25 num 1 (2010), 11-30.

³⁴ A. Prous, *Arqueologia Brasileira...*; L. Ribeiro, *Os Significados das Similaridades...*

³⁵ L. Ribeiro, *Os Significados das Similaridades...*; A. M. Baeta, *Os Grafismos Rupestres...*

³⁶ N. Guidon, *Les Peintures Rupestres de Várzea Grande, Piauí*. Universidade de Sorbone, Paris, França, vol. 1, 1975. (Tese de Doutorado); A. Prous, *Arqueologia Brasileira...*; A. Prous, *As esculturas Zoomorfas do Sul do Brasil e Uruguai*. *Cadernos de Arqueologia da América do Sul* num 05 (1997); G. Martin, *Pré-História do Nordeste do Brasil...*

Na época, procurava-se identificar as regularidades na seleção do espaço gráfico para evidenciar as normas gerais seguidas em cada conjunto e a variação permitida dentro dos padrões. Ainda que houvesse uma abertura nesses trabalhos para comparações etnográficas, assumia-se que a tentativa de interpretação dos significados deveria ser precedida pela identificação de eventuais estruturas de organização dos grafismos entre si e com a topografia local – dos suportes e dos abrigos. Termos como vocabulário, gramática, sistemas gráficos e regras sintáticas eram recorrentes nestas análises, que partiam de princípios tomados de empréstimo à lingüística. Buscava-se, por exemplo, identificar as relações sintáticas entre os grafismos – cor, posição no suporte e/ou no sítio – com o auxílio de gráficos estatísticos e tabelas tipológicas³⁷.

As tipologias desempenhavam um papel destacado nos estudos estruturalistas da arte rupestre, na medida em que possibilitavam um inventário das figuras disponíveis ao uso e combinação de temas pelos artistas rupestres. De modo geral, os inventários apresentavam-se aos pesquisadores simpáticos ao estruturalismo (na Arqueologia e na Antropologia) como uma importante ferramenta de evidenciação da padronização cultural. O que a Arqueologia estruturalista buscava, era, em síntese, reconstruir as etapas sucessivas da evolução das culturas humanas³⁸.

Pressupunha-se que a cultura material expressaria uma ordem simbólica e inconsciente, imposta pelos humanos a determinadas áreas de suas vidas, inventariando detalhadamente os itens que a compunham. Deduzia-se que, comparando inventários de grupos distintos seria possível identificar tanto a variabilidade cultural, a diversidade aparente, quanto a invariabilidade das estruturas inconscientes e universais do pensamento humano.

O objeto de estudo da Arqueologia estruturalista era, então, o pensamento presente na mente dos humanos que produziram o registro arqueológico³⁹. A atuação da escola francesa no Brasil caracterizou-se por trabalhos regionais com inventários de sítios e determinação de seu potencial científico, bem como pelo estudo detalhado de poucos sítios, tomados como típicos da unidade maior desconhecida. Nos sítios escolhidos faziam-se escavações de amplas superfícies para reconstrução de solos de ocupação e análises tecnotipológicas dos artefatos, principalmente dos líticos⁴⁰.

Aplicada à arte rupestre, a abordagem estruturalista resultou em explorações de grandes áreas passíveis de comparação, em reproduções de acervos gráficos e em classificações tipológicas de figuras. Existe uma evidente complementaridade entre os métodos franceses de delimitação espaço-temporal através de seqüências regionais fundadas na reconstrução minuciosa de pisos e o estudo amostral de amplas regiões com a sistematização dos dados, nas classificações em fases e tradições defendidas pelos membros do PRONAPA.

³⁷ A. Prous, *As esculturas Zoomorfas...* 7.

³⁸ A. L. Emperaire et alii, *Documents pour la préhistoire du Brésil méridional*. 1. L'État de São Paulo, *Cahiers d'archéologie d'Amérique latine* num 2 (1973) y L. Ribeiro, *Os Significados das Similaridades...* 156.

³⁹ B. G. Trigger, *História do Pensamento Arqueológico: Tradução Ordep Trindade Serra* (São Paulo: Odysseus Editora, 2004); P. Banh y C. Renfrew, *Arqueología. Métodos y práctica* (Madrid: Ed. Akal, 1998).

⁴⁰ A. L. Emperaire et alii, *Documents pour la préhistoire...*; C. Barreto, *A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia do Brasil*. Dossiê Antes de Cabral: *Arqueologia Brasileira, Revista da USP* num 44 (2006): 32-51.

Segundo autores como Prous⁴¹, Pessis e Guidon⁴², Azevedo Netto⁴³, Ribeiro⁴⁴ e Isnardis⁴⁵, a noção de tradição arqueológica como o resultado de regras culturais cuja aplicação inconsciente orientaria a produção da cultura material, condizia com o interesse estruturalista de identificar padrões culturais da pré-história. Deste modo, logo após as primeiras pesquisas, os arqueólogos das missões franco-brasileiras passaram a adotar tanto intensivas prospecções com levantamentos mais rápidos, definidos por pequenas sondagens, coletas de superfície e reprodução de acervos rupestres, quanto o agrupamento de seus dados em tradições arqueológicas. A noção, desde então vigente de tradição rupestre, sustenta-se na idéia de que os conjuntos de temas representados com mais frequência na arte rupestre seriam manifestações de repertórios culturais, distintos a partir dos repertórios temáticos.

Com esta abordagem, a arte rupestre era interpretada como reflexo passivo da orientação cultural de seus autores. As mudanças nos padrões de continuidade gráfica eram indicativas de mudanças culturais. A noção de tradição como repertório temático, por sua vez, manifestação de repertório cultural, sempre esteve fortemente enraizada na Arqueologia brasileira desde a presença estruturalista nos primórdios da pesquisa sistemática da arte rupestre.

Os conceitos, ligados as pinturas e as gravuras, apresentam similaridades e convergências. Eles podem estar ligados a um mesmo objeto de estudo como também a objetos de áreas geográficas distintas. Normalmente, a conceituação e as definições são compartilhadas por pesquisadores com um viés de pesquisa ou mesmo compartilhadas com outros vieses. Assim, Dunnel⁴⁶ considera que, em um princípio classificatório hierárquico, utilizado em qualquer área do conhecimento, os atributos que delimitam as classes devem ser excludentes. Os atributos de uma classe não podem aparecer em outra. Se isso ocorrer, dissolve-se a classe elaborada.

Na região Nordeste do Brasil, a partir da década de 1980, tendo como referência a tese de doutorado de Guidon⁴⁷, classificam-se grafismos rupestres em tradições. Seguiu-se, também, inicialmente, o modelo do PRONAPA, em regiões do Rio Grande do Norte, do Pernambuco e da Bahia.

Comumente define-se como tradição arqueológica, o conjunto de elementos constitutivos da cultura material. No caso da arte rupestre, considera-se a estrutura desses vestígios com persistência temporal, em amplo espaço. Os arqueólogos consideram que a tradição arqueológica corresponde às expressões culturais que mais sobressaem, compartilhadas por vários grupos étnicos, transmitida e difundida através de gerações, e que pode apresentar ou não, no decorrer do tempo, modificações graduais⁴⁸. Destacam-se as tradições: Nordeste, Agreste, Geométrica, São Francisco e Astronômica.

⁴¹ A. Prous, Arqueologia Brasileira...

⁴² A. M. Pessis y N. Guidon, Ars Indígenas Pré-Históricas...

⁴³ C. X. Azevedo Netto, Arte Rupestre no Brasil...

⁴⁴ L. Ribeiro, Os Significados das Similaridades...

⁴⁵ A. Isnardis, Entre as Pedras...

⁴⁶ R. C. Dunnel, Classificação em Arqueologia...

⁴⁷ N. Guidon, Os Registros Rupestres da Região de São Raimundo Nonato, Piauí – Brasil (São Paulo: Arquivos do Museu Paulista, 1982).

⁴⁸ G. Martin, Pré-História do Nordeste do Brasil...

2. 4. Considerandos sobre as tradições estabelecidas

As classificações preliminares possibilitaram a identificação de tradições de registros rupestres no Nordeste brasileiro. Elas foram a base para o início da contextualização do registro arqueológico. Entretanto, não houve ação padronizada entre os pesquisadores. As figuras geométricas (reconhecíveis), por exemplo, são comuns a todas as tradições estabelecidas.

De acordo com o grau de concentração, os grafismos reconhecíveis (puros, simbolistas, abstratos, metafóricos) podem servir como um atributo caracterizador ou até mesmo definidor de uma tradição. Esta situação gerou classificações ambíguas com descrições semelhantes para tradições diferentes. Segundo Kesting⁴⁹ foi o caso das figuras classificadas por alguns como Agreste, por outros, Geométrica, por outros, ainda, São Francisco e, também, Astronômica.

No que se refere ao estudo dos registros gráficos como meios de comunicação, compreende-se que cada grupo cultural tem seu padrão de comportamento, seus modelos e sua gestualidade. Essas características culturais são próprias e o diferenciam dos demais grupos que, por ventura, estão ligados a outras tradições culturais⁵⁰. Os registros rupestres não são apenas a manifestação cultural de um indivíduo, mas de um grupo a que o indivíduo pertence. O realizador é o sujeito revelador da expressão cultural do seu grupo. A estrutura cultural do grupo determina ou influencia nos gestos e hábitos que o autor expressa nos artefatos que produz. Todo indivíduo é dependente do seu meio e revela, nas expressões culturais, a experiência do seu grupo⁵¹.

Sendo assim, a filiação das pinturas a uma tradição ou a uma subtradição continua sendo um caminho para a identificação do tronco cultural a que pertenceram os autores dos grafismos dos sítios arqueológicos. Sua identificação deixa, porém, de ser o procedimento inicial de uma pesquisa para ser o resultado de muitos estudos comparativos de figuras contextualizadas. Segundo Kesting⁵², é possível chegar-se à identificação de tradições pelo reconhecimento de conjuntos de sinais gráficos homólogos ou análogos que revelam heranças culturais comuns de grupos dissidentes ou diversificados.

Para segregar conjuntos de grafismos em classes é necessário que se adote um quadro teórico bem fundamentado. Atualmente o modelo classificatório mais empregado para conjuntos de registros rupestres é o que utiliza os conceitos de tradição, subtradição e estilo. Essa proposta metodológica, apesar de ter apresentado algumas modificações nos seus conceitos, prevalece nas pesquisas dos registros rupestres.

E apesar de muitas críticas referentes à adoção dos conceitos de tradição e subtradição nos estudos dos registros gráficos, os mesmos ainda dominam o campo de estudo. Segundo Prous⁵³ e Martin⁵⁴, esses conceitos já estão bem definidos e amplamente utilizados na pesquisa arqueológica nordestina. Atuam como elementos motivadores para análises prévias do que se considera como províncias rupestres. O termo tradição está bem

⁴⁹ C. Kesting, *Identidade dos Grupos...*

⁵⁰ L. R. Binford, *Pursuit of the Past: decoding the archaeological record.* (London & New York: Thames & Hudson, 1983).

⁵¹ L. R. Binford, *Pursuit of the Past...*

⁵² C. Kesting, *Identidade dos Grupos...*

⁵³ A. Prous, *Arqueologia Brasileira...*

⁵⁴ G. Martin, *Pré-História do Nordeste do Brasil...*

aceito e arraigado no Brasil para as macro-divisões de registros rupestres, se bem que nem todos os autores estejam de acordo com a sua conceituação. Ele equivale ao conceito de horizonte cultural e é utilizado, também, para a indústria lítica e cerâmica⁵⁵.

Para Martin⁵⁶ compreende-se tradição:

“como a representação visual de todo um universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes”.

Prous⁵⁷ entende como tradição “a categoria mais abrangente entre as unidades rupestres descritivas, implicando numa certa permanência de traços distintos, geralmente temáticos”. Na Área Arqueológica de Sobradinho, os grafismos amplamente distribuídos em diferentes feições de relevo, devido ao seu padrão de reconhecimento e cenográfico, são filiados hipoteticamente na Tradição São Francisco.

3. Metodologia e procedimentos operacionais

3.1. Método quantitativo e qualitativo

O método quantitativo obedece ao paradigma clássico (positivismo) enquanto o qualitativo segue o paradigma alternativo. Nas ciências sociais, os estudos orientados pela doutrina positivista são influenciados pela abordagem das ciências naturais. Estas postulam a existência de uma realidade externa que pode ser examinada com objetividade, pelo estabelecimento de relações causa-efeito, a partir da aplicação de métodos quantitativos de investigação que permitem chegar a verdades universais. Sob esta ótica os resultados da pesquisa são reprodutíveis e generalizáveis⁵⁸.

A pesquisa qualitativa foi incorporada, inicialmente, na Antropologia e na Sociologia, e ampliada para outras áreas a partir da década de 1960. Em meados dos anos 1970, começou a ser utilizada, também em trabalhos arqueológicos, numa tentativa de relacionar os dados obtidos pelo método quantitativo⁵⁹. Ressalta-se que, desde então, o debate entre defensores das abordagens quantitativas ou qualitativas começou a diminuir. Começou-se a valorizar a pesquisa em ciências sociais, uma vez que a sua relação com as ciências humanas pode ser fundamental para o entendimento de um determinado objeto de estudo⁶⁰. As divergências entre as abordagens qualitativa e quantitativa refletem diferentes epistemologias, estilos de pesquisa e formas de construção teórica. Convém repetir, no entanto, que os métodos quantitativos e qualitativos, apesar de suas especificidades, não se excluem.

⁵⁵ G. Martin, *Pré-História do Nordeste do Brasil...*

⁵⁶ G. Martin, *Pré-História do Nordeste do Brasil...* 330.

⁵⁷ A. Prous, *Arqueologia Brasileira...*

⁵⁸ D. Hayati, E. Karami y B. Slee, “Combining qualitative and quantitative methods in the measurement of rural poverty”. *Social Indicators Research* num 75 (2006), 361-394; S. Shennan, *Quantifying Archaeology*. (Edinburgh: Edinburgh University Press, 1997).

⁵⁹ B. G. Trigger, *História do Pensamento Arqueológico: Tradução Ordep Trindade Serra* (São Paulo: Odysseus Editora, 2004); S. Shennan, *Quantifying Archaeology...*

⁶⁰ A. S. Godoy, “Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades”, *Revista de Administração de Empresas* num 35 (1995).

Nos estudos arqueológicos, a pesquisa quantitativa permite a mensuração dos dados, e especificamente em pintura rupestre, através de quadros numéricos (gráficos e tabelas). Ela permite identificar ocorrências e recorrências de grafismos e, com isso, estabelecer classes. Essas observações dentro de um universo definido são medidas, estabelecendo assim dados de caráter estatístico⁶¹.

No que tange as suas características principais, o método quantitativo aplicado à pesquisa de registros gráficos, destaca-se por obedecer a um plano pré-estabelecido, com o intuito de enumerar ou medir eventos ou coisas, neste caso, as unidades de grafismos. Ele utiliza a teoria para desenvolver as hipóteses e as variáveis da pesquisa, examinando as relações entre as variáveis por métodos experimentais ou semi-experimentais, controlados com rigor. Emprega, geralmente, para a análise dos dados, instrumental estatístico, buscando com isso confirmar as hipóteses da pesquisa ou as descobertas através da dedução, ou seja, realiza previsões específicas de princípios, observações ou experiências⁶².

A pesquisa qualitativa, utilizada para interpretar fenômenos, ocorre por meio da interação constante entre a observação e a formulação conceitual, entre a pesquisa empírica e o desenvolvimento teórico, entre a percepção e a explicação. Ela apresenta-se como uma dentre as diversas possibilidades de investigação. Ela leva em consideração a qualidade do objeto estudado. Constitui uma alternativa apropriada para os estágios iniciais da investigação, quando busca explorar o objeto de estudo e delimitar as fronteiras do trabalho. Ela é bastante utilizada quando o universo da pesquisa é pequeno e a quantificação não faz sentido⁶³.

Os métodos de investigação classificam-se como quantitativos e qualitativos por apresentarem características contrastantes quanto à forma e à ênfase, entretanto não são excludentes. Esta classificação não significa que se deva optar por um ou outro. O pesquisador pode, ao desenvolver o seu estudo, utilizar os dois, usufruindo, por um lado, da vantagem de poder explicitar todos os passos da pesquisa e, por outro, da oportunidade de prevenir a interferência de sua subjetividade nas conclusões obtidas⁶⁴.

Em síntese, pode-se dizer a respeito de ambos os métodos que a pesquisa qualitativa enfatiza o processo e seu significado, enquanto a quantitativa preocupa-se em medir (quantidade, frequência e intensidade) e analisar as relações causais entre as variáveis. A crítica dos pesquisadores quantitativos à abordagem qualitativa baseia-se nos seguintes pontos: a investigação não seria confiável, pois introduziria o viés do pesquisador; seus resultados não seriam reproduzíveis; mesmo que houvesse certo grau de reprodutibilidade, a interpretação seria suscetível a mudanças. Na pesquisa em questão aplicam-se ambas as abordagens metodológicas de acordo com o propósito da investigação, individual ou simultaneamente, aliando-se o qualitativo ao quantitativo.

⁶¹ M. S. Aldenderfer, *Quantitative Research in Archaeology: Progress and Prospects*. Newbury Park, CA: Sage, 1987. S. Shennan, *Quantifying Archaeology...*

⁶² M. S. Aldenderfer, *Quantitative Research in Archaeology...*; R. Drennan, *Statistics for Archaeologists* (Londres: Springer Science+Business Media, 2009); S. Shennan, *Quantifying Archaeology...*, 1997. D. Hayati, E. Karami y B. Slee, "Combining qualitative and quantitative..."

⁶³ J. Hayati e A. Tymstra, *Combining qualitative and quantitative methods in the measurement of rural poverty*. *Social Indicators Research* num 75 (1993): 361-394.

⁶⁴ M. Patton, *Qualitative research and evaluation methods* (Londres, Thousand Oaks: Sage Publications, 2002).

3.2. Procedimentos operacionais

Iniciou-se a pesquisa com um levantamento de livros que contivessem referências de estudos sobre os registros rupestres da região Nordeste do Brasil. Buscou-se identificar, na bibliografia levantada, os parâmetros que permitem reconhecer a identidade de grupos pré-históricos. Priorizou-se a busca por caminhos para a identificação de padrões nos painéis de pintura rupestre.

Num segundo momento, fez-se uma pesquisa imagética, com base nos levantamentos anteriores realizados no Vale do São Francisco, especificamente os trabalhos de Ott⁶⁵, Prous⁶⁶, Calderón⁶⁷, Etchevarne⁶⁸ e Kesting⁶⁹.

O cadastro do sítio arqueológico foi realizado em ficha de campo, seguindo o modelo proposto por Kesting⁷⁰ e também utilizamos a Ficha do IPHAN. Algumas adaptações foram feitas para atender particularidades da pesquisa.

Nas atividades de campo utilizou-se um GPS (Garmin) modelo “Etrex Vista” que possibilitou o mapeamento das feições de relevo e dos sítios, bem como, a transferência de dados para o computador.

Utilizaram-se também, imagens do Google Earth 2014 para definir as coordenada do sítio pesquisado e utilizamos estação total para configuração do mapa de localização. Mensuraram-se as dimensões dos sítios com fita métrica.

Fez-se o levantamento imagético com câmera fotográfica digital Nikon. O registro fotográfico foi o instrumento adotado como recurso analítico para identificação dos registros gráficos, uma vez que se tem a necessidade de preservar esse referido patrimônio. A técnica principal. É importante frisar que a preservação digital de um conjunto de imagens de registros gráficos, é em si, uma alternativa de preservação dessas manifestações em si mesmas.

Como suporte para a captação das imagens trabalhou-se com câmera fotográfica do tipo: Nikon 5000, sempre apoiada a um tripé. As fotografias foram feitas com a escala IFRAO, já que a mesma é recomendada para auxiliar na identificação das cores e dos tamanhos reais dos painéis e das unidades gráficas.

O tripé e a escala como mecanismos básicos de metodologia em pintura rupestre só foram dispensados quando o sítio apresentava particularidades físicas que não permitiam sua utilização. Outras informações referentes aos sítios, bem como, aos painéis

⁶⁵ C. Ott, *Pré-História da Bahia* (Salvador. UFBA, 1972).

⁶⁶ A. Prous, *Arqueologia Brasileira...*

⁶⁷ V. Calderón, Y. D. Jácome e I. D. C. Soares, *Relatório das atividades de campo do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, 1977.*

⁶⁸ C. Etchevarne, *Escrito na Pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia* (Rio de Janeiro: Versal, 2007).

⁶⁹ C. Kesting, *Identidade dos Grupos Pré-históricos...*; C. Kesting, *Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho* (Recife: UFPE, 2001). (Dissertação de Mestrado); C. Kesting, “Estratégias de conservação das pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, em Sobradinho – BA”, *CLIO-Arqueológica* num 16 (2006): 49-66; C. Kesting, *Patrimônio Arqueológico de Sento Sé – BA*. (prelo).

⁷⁰ C. Kesting, *Identidade dos Grupos Pré-históricos...*

de pinturas rupestres foram registradas em caderno de campo a fim de proporcionar um maior controle e organização das atividades que vinham sendo desenvolvidas.

Em laboratório, fez-se o descarrego das imagens e iniciou-se o trabalho de reconhecimento das unidades gráficas e das temáticas. Utilizaram-se, para isso, a aplicação do Software ImageJ/DStretch, pela forma como o mesmo proporciona o resgate de detalhes potencialmente importantes nas análises (Figura 1). O aplicativo DStretch foi criado por um matemático americano e pesquisador de arte rupestre chamado Jon Harman.

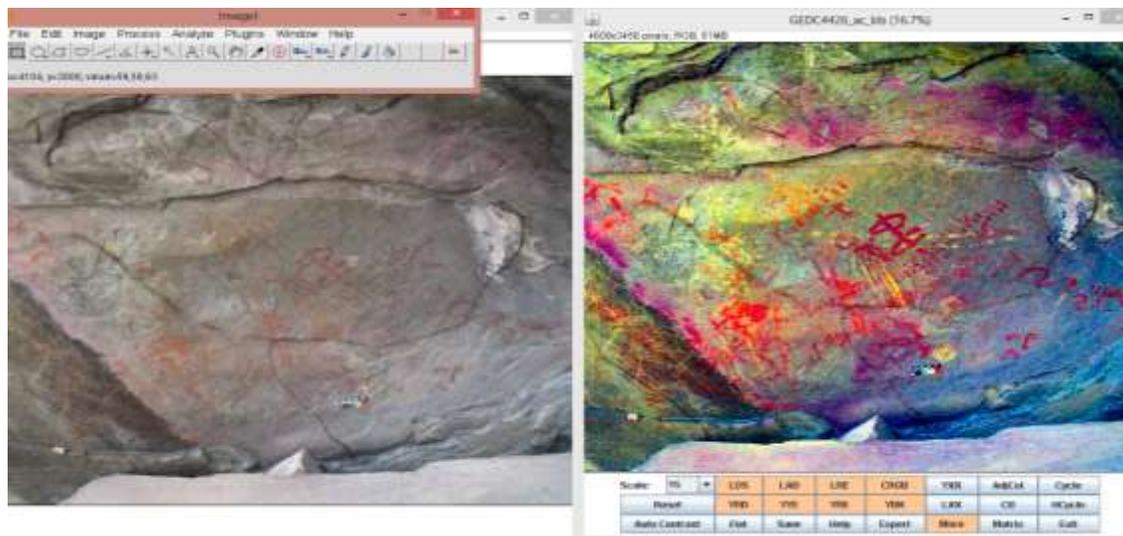


Figura 1

Foto original de um painel de pintura rupestre acima, ao lado a mesma foto após o melhoramento com o Software Dstretch

Harman projetou o programa como um plug-in para software ImageJ. Este último está disponível gratuitamente na internet. Alterando a saturação, matriz, contraste e várias outras variáveis comuns para o sistema digital de arte rupestre, o programa consegue isolar os pigmentos pictográficos de tonalidade bem fraca a ponto de torná-los visíveis a olho nu. A verdadeira genialidade dos Dstretch é evidenciada pela sua facilidade de manuseio e pelo suporte que proporciona às análises⁷¹.

Dessa forma, compreende-se que os métodos e os procedimentos operacionais, utilizados nessa pesquisa têm a finalidade de identificar, revelar e preservar os vestígios arqueológicos.

4. O sítio rupestre Morro do Jacaré: aspectos gerais

O sítio rupestre Morro do Jacaré trata-se de um sítio pré-colonial situado na alta vertente de um *inselberg*, uma formação geomorfológica do tipo serrote, numa altura de 980 metros. Intimamente relacionada com outras feições geomorfológicas do entorno. Localiza-se próximo à Fazenda Cuba e próximo a Fazenda São Félix, zona rural de Caetité – BA (SAD69 23L 762036/8451055) (Figura 2). É um sítio do tipo toca com registros rupestres (com uma relativa quantidade de painéis rupestres, em colorações que variam do

⁷¹ B. Himour, Graffiti Historic. Artigo disponível em: www.DStretch.com. 2009. Consultado em 05 de Agosto de 2012.

vermelho ao amarelo) em suportes rochosos do tipo *talús*. A pesquisa detalhada realizado no mesmo e na área circundante permitiu seu registro e caracterização (Figuras 3 e 4). Seu tamanho está cotado em 60m de comprimento x 5m de altura. Os painéis estão localizados nas laterais e no teto da toca, que está orientada a Norte-Sul e tem uma abertura de 3,70 cm.

O sítio apresenta 06 (seis) painéis de pintura rupestres em coloração vermelho e amarelo, sendo que uma boa parte das mesmas não são figuras reconhecíveis. Através do tipo de pigmentação utilizado nos traços para produção gráfica e pela quantidade de representações reconhecíveis, há indícios de as pinturas tratarem-se da Tradição São Francisco definida por Prous⁷² e presente tanto no vale do São Francisco quanto em regiões de Minas Gerais, dada a aproximação das regiões/estados.

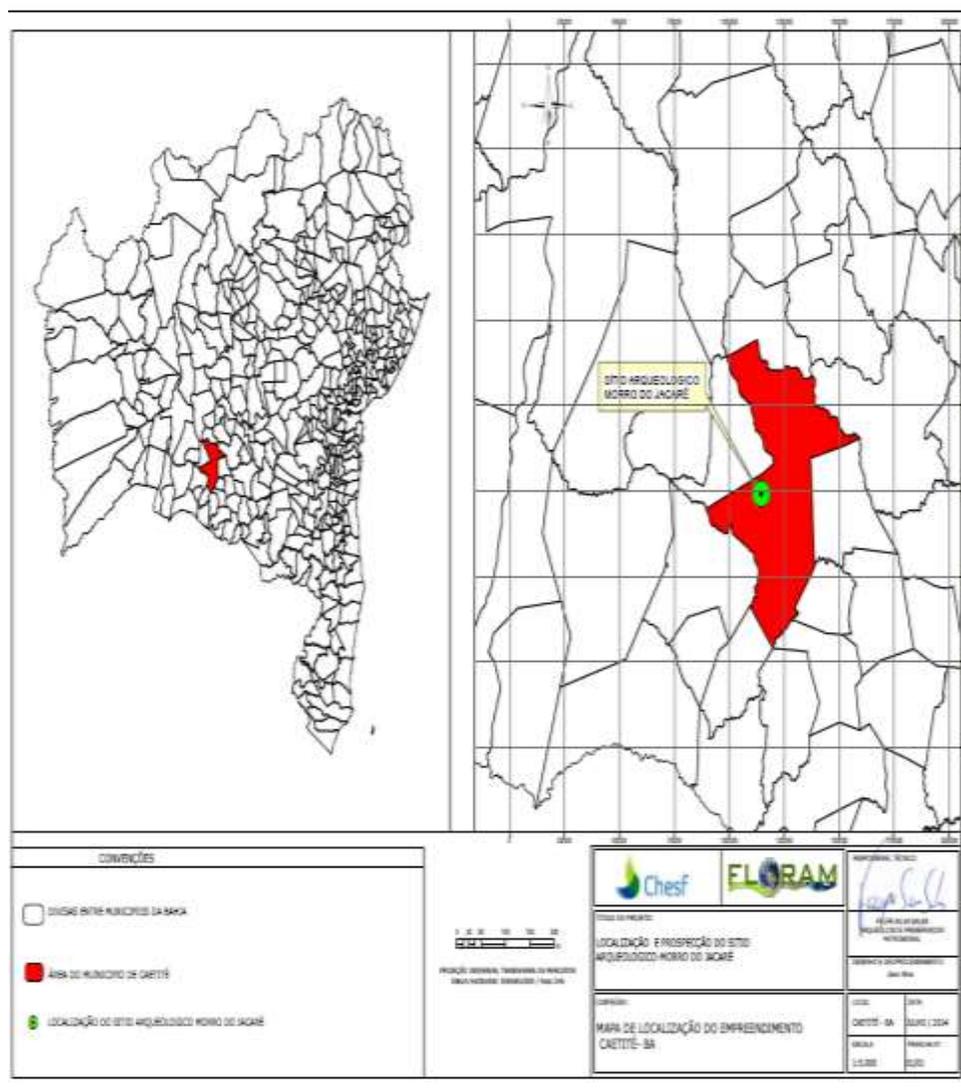


Figura 2
Mapa de localização do sítio rupestre Morro do Jacaré, Caetité-Brazil

⁷² A. Prous, Arqueologia Brasileira...



Figura 3
Vista Geral do Sítio Rupestre Morro do Jacaré



Figura 4
Vista geral do principal painel de pintura rupestre do sítio (painel 01)

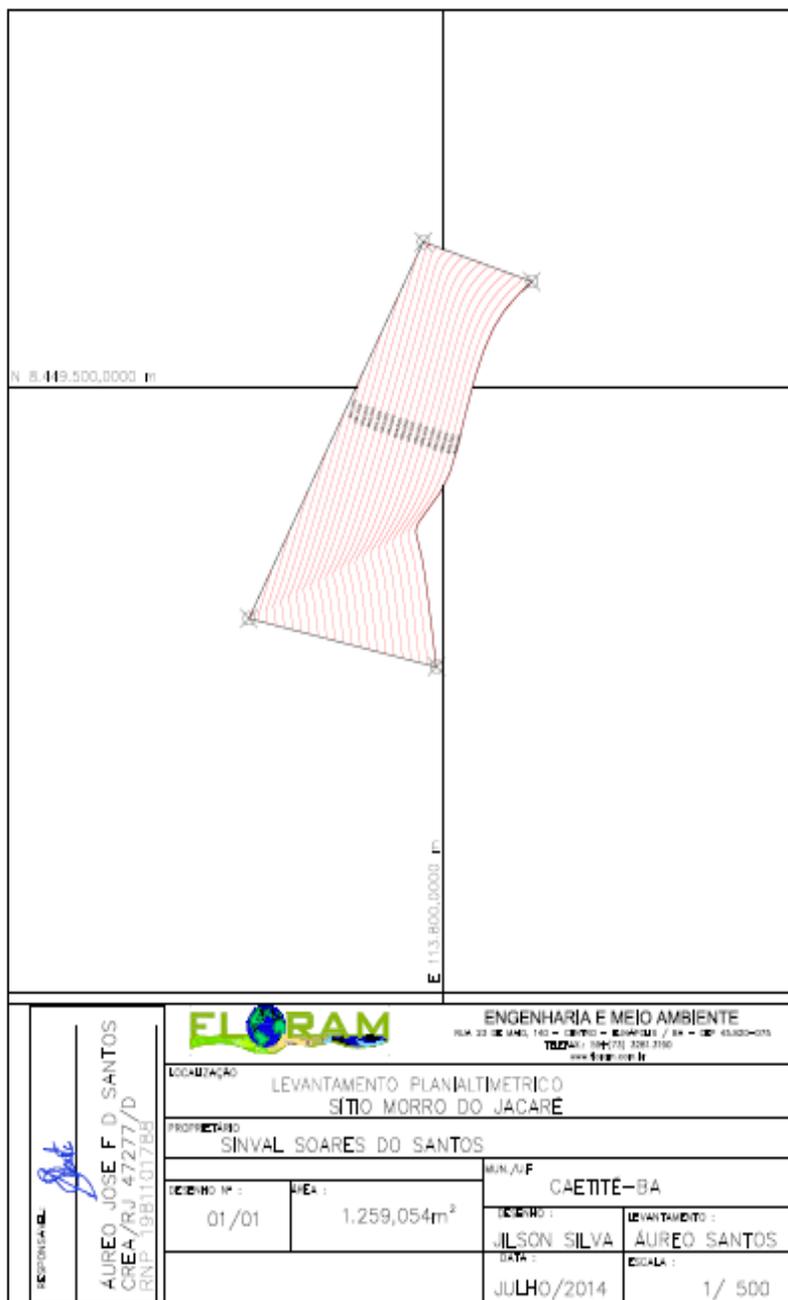


Figura 4
Plano altimétrico do sítio Morro do Jacaré (Fonte: Floram, 2014)

4.1. Contextualização ambiental

O sítio Morro do Jacaré está assentado sobre sistemas geológico-geomorfológicos do Cráton do São Francisco e suas coberturas sedimentares, segundo Schobbenhaus⁷³, na

⁷³ C. Schobbenhaus, Geologia do Brasil texto aplicativo do mapa geológico do Brasil e área oceânica incluindo depósitos minerais: escala 1:2.500.000 (Brasília: DNPM, 1984).

Província Metalogenética do Paramirim, em domínio litoestrutural do embasamento pré-Espinhaço e dos metassedimentos do Supergrupo Espinhaço e do Grupo Brejinho das Oliveiras, bem como sobre Coberturas Detríticas e Lateríticas, onde aparecem diferentes formas de pediplanação.

Segundo Johildo⁷⁴, o Cráton do São Francisco abrange principalmente os estados da Bahia e de Minas Gerais, sendo a mais estudada unidade tectônica do embasamento da plataforma sul-americana. Segundo os mesmos autores, os limites do Cráton do São Francisco são delineados por cinturões dobrados durante a orogênese Brasileira, a saber: (i) os Cinturões Riacho do Pontal e Sergipano, que limitam o Cráton a norte e a nordeste; (ii) o Cinturão Araçuaí, uma possível extensão norte do Cinturão Ribeira situado a sul; (iii) o Cinturão Brasília, situado na margem oeste e (iv) o Cinturão Rio Preto, uma pequena faixa de rochas dobradas localizada mais ao norte do Cráton.

A área de estudo apresenta rochas que pertencem ao embasamento cristalino granito-gnáissico, as quais estão sobrepostas por litologias do Complexo metamórfico de Licínio de Almeida, metassedimentos do Supergrupo Espinhaço, metassedimentos do Grupo Santo Onofre e intrusões graníticas associadas à Suíte Intrusiva Lagoa Real.

No que se refere aos aspectos geomorfológicos da área direta do sítio e arredores, sabe-se que a mesma está inserida no domínio Geomorfológico dos Planaltos em Estruturas Sedimentares Dobradas e Depressões Interplanálticas, região da Serra do Espinhaço e Depressão Sertaneja, respectivamente. Segundo Bahia, a área se enquadra nas unidades geomórficas Pediplano Cimeiro, Patamares Marginais, Pediplano Sertanejo e Pedimentos Funcionais ou retocados por drenagem incipiente.

Na área direta onde está localizado o sítio de registros gráficos em questão podem ser observados, até o segundo nível categórico, as seguintes classes de solos: latossolos vermelho-amarelos Distróficos e Eutróficos, latossolos amarelos distróficos, cambissolos háplicos tb eutróficos, cambissolos háplicos ta eutróficos, neossolos regolíticos distróficos e eutróficos, neossolos litólicos distróficos e eutróficos e neossolos quartzarênicos distróficos.

A vegetação predominante é a do tipo caatinga arbórea aberta ou densa, com carnaúbas. Ela não é diferente das áreas circundantes. A cultura do extrativismo colonialista que se implantou na região foi responsável pela destruição de toda a vegetação primitiva. Até as encostas foram desnudadas de vegetação. Delas se extraiu, durante séculos, madeira para construções, para carvoarias e para a prática da agricultura tradicional. Com o acelerado processo de destruição e diminuição da vegetação local, as conseqüências podem ser observadas tanto na paisagem nativa quanto no clima. Este último modifica-se, tornando-se mais árido, reduzindo as vazões dos riachos tributários das áreas circundantes na unidade de pesquisa (Figura 6).

⁷⁴ S. Johildo e P. Sabaté, ologem Paleoproterozóica de Placas Arqueanas do Cráton do São Francisco na Bahia. Revista Brasileira de Geociências – (I-Suplemento). (2003): 7-14.



Figura 6
Vegetação típica da unidade de pesquisa

O relevo é apalachiano. Desenvolveu-se nas estruturas das serras que fazem parte da unidade de pesquisa, com altitudes de transição entre a Chapada Diamantina e a Depressão Sertaneja. A Depressão Sertaneja apresenta topografia quase plana. Nela os interflúvios constituem pediplanos mais ou menos conservados. Do alto da Chapada Diamantina, avistam-se morros residuais conhecidos como inselberges.

Contudo, a análise paisagística (geomorfológica) tem demonstrado que a região pode ter sido uma área bastante propícia para ocupação e adaptação de grupos em diferentes períodos da Pré-história. Do alto das serras tem-se uma visão ampla do ambiente circundante. As serras podem ter servido para defesa contra animais predadores locais.

4.2. Estado de conservação das pinturas

Uma boa análise para identificação de estruturas, temática e técnica, que permitam segregar identidades, depende da integridade das pinturas. Alguns suportes apresentam maior quantidade, densidade e variedade morfológica de grafismos, o que nem sempre comprova preferências dos autores porque podem ser o resultado de melhor conservação dos sítios em relação a outros. A velocidade de degradação de um painel de pintura rupestre depende da estrutura, composição, porosidade, permeabilidade da rocha e das condições ambientais. O sítio arqueológico de hoje pode ser, por isso, muito diferente do que foi no momento da ocupação pré-histórica⁷⁵.

⁷⁵ C. Kesting, Identidade dos Grupos Pré-históricos...

Observa-se na unidade de pesquisa que, apesar da importância dos registros gráficos para a compreensão da cultura de extintas populações, os mesmos nem sempre têm recebido a devida atenção. As pinturas rupestres do sítio trabalhado aqui se encontram expostas a diversos fatores que, em alguns momentos contribuem para a sua conservação e, em outros, de maneira mais expressiva para a sua degradação.

Devido à ausência de políticas de conservação e de educação patrimonial em todo o Município de Caetité – BA, as pinturas rupestres parecem não ter recebido a devida atenção no que tange a sua preservação. Foi e é constante a destruição causada pelo vandalismo e retirada estável e exagerada de blocos da área direta do sítio para a construção civil no entorno (Figura 7). Observam-se ainda diferentes queimadas e suportes chamuscados, o que contribui de maneira direta para a degradação das pinturas rupestres, impossibilitando o reconhecimento de atributos da identidade dos autores responsáveis pela prática gráfica na Pré-História. Para ver-se livre de plantas que considera serem daninhas, a população local põe fogo na macambira e em outras espécies vegetais fixas nos suportes. Queima, assim, a mata nativa e provoca a destruição de painéis inteiros de pintura rupestre. É bastante provável que os degradadores não tenham a intenção de descaracterizar as pinturas. É possível, também, que os responsáveis pela depredação patrimonial desconheçam o valor simbólico agregado ao registro que está sendo destruído. Muitas vezes as ações partem de um desconhecimento da importância do local, resultando em queimas constantes (Figura 8). Na maioria dos casos, o dano é irreversível. Isso ocorre, principalmente com a fuligem provocada por queimadas e com o acúmulo de lixo que atrai mais insetos para o sítio.



Figura 7

Retiradas de blocos de arenito na área direta do sítio Morro do Jacaré



Figura 8

Escarpas chamuscadas devido à utilização de fogo na área do sítio

Contudo, não são as ações antrópicas as únicas responsáveis pela degradação de sítios arqueológicos. As ações naturais do meio ambiente também contribuem na destruição de painéis de pintura rupestre. Atuam aspectos geomorfológicos, geológicos, a água, o vento, o sol, os insetos e as raízes de plantas fixas nos suportes (Figura 9). Esses processos causam a desagregação das rochas, com separação de grãos minerais antes coesos. Com sua fragmentação transformam rochas maciças em material friável.



Figura 9

Painel de pintura exposta a fatores físicos e químicos como sol e chuva

Existem outros fatores de degradação que não se encaixam nos agentes físicos e químicos de atuação. Alguns autores classificam-nos como intemperismo biológico. O intemperismo biológico consiste na ação de microorganismos vivos na decomposição da rocha. Esse tipo de intemperismo atua pela ação de bactérias, fungos, líquens, algas, insetos (principalmente térmitas e vespas) e pela ação de vegetação⁷⁶.

Mesmo sendo um processo lento e quase imperceptível, o vento é responsável pela abrasão que desgasta a rocha, fazendo com que os pigmentos que compõem as inscrições rupestres sejam desprendidos da parede rochosa.

Ainda que alguns painéis estejam protegidos por reentrâncias da rocha, a maioria encontra-se exposta aos raios solares que promovem a descoloração das pinturas. O problema da exposição dos painéis de pintura aos raios solares pode ser resolvido com a preservação da mata nas proximidades dos paredões rochosos.

A chuva é outro fator que ajuda a destruir o patrimônio arqueológico, quer seja pelo impacto direto sobre as pinturas ou pelo escoamento da água sobre as mesmas. O fluxo da água da chuva é responsável pelo desaparecimento de muitas pinturas, porque desgasta os seus pigmentos ou cobre-os parcial ou totalmente com minerais dissolvidos da rocha⁷⁷. Nos sítios encontrados, esse tipo de degradação é constante. Muitas pinturas estão parcialmente encobertas por uma camada de sedimentos minerais na cor branca (Figuras 10).

São também responsáveis pela degradação das pinturas os microorganismos, como os fungos que se vêem sobre as paredes rochosas. O seu estabelecimento sobre as pinturas faz com que estas sejam danificadas pela ação corrosiva de ácidos húmicos ou no momento de sua retirada. O melhor controle da ação dos fungos pode ser a aplicação de produtos químicos, com grande observação, para que esta não interfira na composição do painel⁷⁸.

⁷⁶ M. C. S. M. Lage, "Sítios de Registros Rupestres: Monitoramento e Conservação", Dossiê Arqueologias Brasileiras, Vol: 6 num 13 (2005): 1-24.

⁷⁷ C. Kesting, "Estratégias de conservação..."

⁷⁸ M. C. S. M. Lage y J. F. Borges, "A Teoria da Conservação e as Intervenções no Sítio do Boqueirão da Pedra Furada – Parque Nacional Serra da Capivara", CLIO-Arqueológica num 16 (2007): 33-47.



Figura 10

Maribondos e canais de cupinzeiros em suportes rupestres do sítio

Os sítios arqueológicos são considerados um bem cultural da humanidade. Quando se trata de sítios com registro rupestre acrescenta-se a ele o valor de patrimônio natural, cuja valoração vem crescendo, considerando-se que a interação homem e meio ambiente é o cenário onde são forjados os atributos da identidade dos autores. A conservação dos sítios com pinturas rupestres está diretamente ligada ao equilíbrio ambiental e fatores de degradação natural, devido ao suporte material ou substância em que as pinturas se encontram. O suporte rochoso está exposto constantemente a fatores de degradação.

Atualmente, um banco de dados que contempla elementos de conservação e registro vem sendo elaborado, na tentativa de minimizar os impactos sofridos pelo patrimônio rupestre. Busca-se, com o mesmo, sistematizar os dados desse tipo de análise para, com isso, atuar e proporcionar mecanismos que permitam salvaguardar a rica cultura material da região.

5. Análise dos grafismos rupestres

5.1. Padrão de reconhecimento

Inicia-se a análise com a segregação de conjuntos de pinturas pelo critério Da cognoscibilidade. Com base nesse critério, são analisadas todas as pinturas da unidade de pesquisa, mesmo que não se possa observar se possuem elementos e delimitações que permitam reconhecer se são conhecíveis ou reconhecíveis.

No sítio rupestre Morro do Jacaré, foram identificados 04 painéis, tendo como parâmetro a cognoscibilidade, identificaram-se 11 pinturas conhecíveis, 26 reconhecíveis e 10 irreconhecíveis, totalizando a quantidade de 47 unidades (Tabela 1; Figura 11).

Nº	Nome do sítio	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	Morro do Jacaré	11	26	10	47
Total		11	26	10	47

Tabela 1

Classificação das pinturas com base no reconhecimento

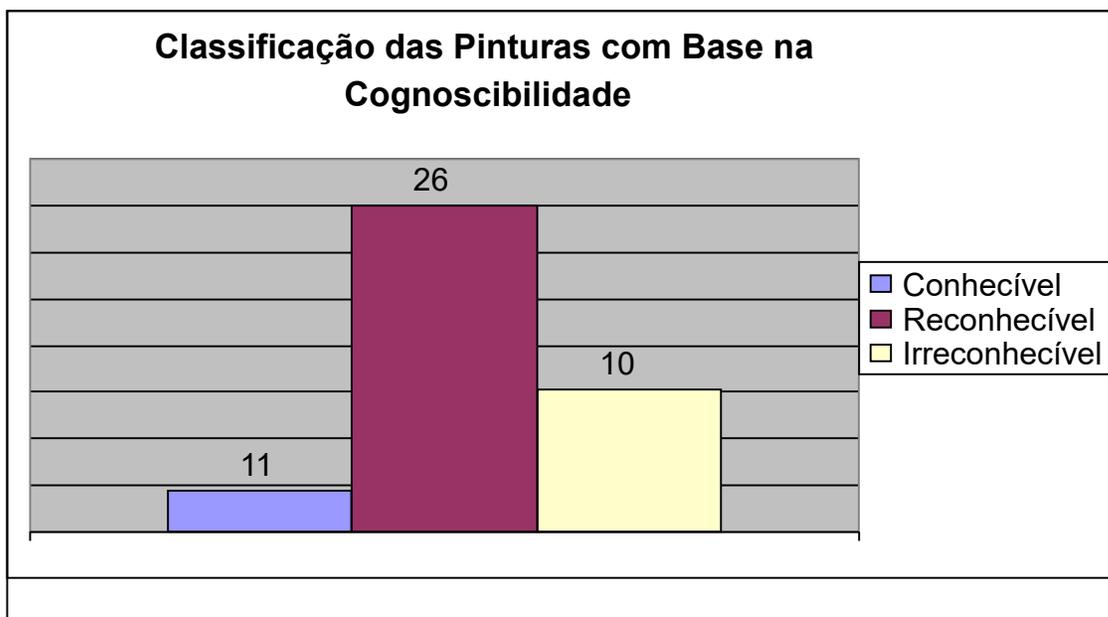


Figura 11

Classificação das pinturas com base na cognoscibilidade

5.2. Temática

Para a identificação de padrões temáticos, analisam-se as figuras do sítio. A confiabilidade da análise depende da qualidade das fotografias e do estado de conservação das pinturas. Não são analisados, por isso, os grafismos irreconhecíveis.

Pelo critério da temática, identificam-se as preferências nas formas que os autores de uma determinada sociedade utilizam para representar realidades⁷⁹. Temática é o germe a partir do qual se podem desenvolver diferentes composições para representar realidades.

⁷⁹ A. M. Pessis, Identidade e Classificação...

As realidades podem pertencer ao mundo imaginário ou material. Não se pode interpretá-las, porque não se dispõe do código de interpretação dos autores. Seu reconhecimento é possível na peculiaridade das formas. Identifica-se a sua ocorrência ou recorrência, assim como se pode, sem conhecimento de teoria musical, reconhecer diferentes formas e agenciamentos das notas que definem as temáticas musicais. As temáticas das figuras conhecíveis caracterizam-se pela representação de expressões corporais ou atributos de identidade, como ornamentação, forma e tamanho. Nas figuras reconhecíveis, caracterizam-se pela presença de elementos básicos da geometria descritiva e seu agenciamento nas unidades gráficas⁸⁰.

Kesting e Lima Filho⁸¹ estabeleceram recorrências temáticas (RT) para os grafismos conhecíveis e reconhecíveis presente na região do médio e submédio São Francisco, bem como sistematizou um banco de informações para os grafismos dessa qualidade encontrados na Área arqueológica de Sobradinho. Aquelas pinturas que não se repetiram foram classificadas como não recorrentes (NR). Partiremos desse tipo de análise para identificação e estudo dos grafismos encontrados no sítio Morro do Jacaré, pelos mesmos apresentam similaridades com os encontrados na região anteriormente citada, no que se refere aos motivos, assim como o tipo de pigmentação. São análogos ainda os tipos de feições utilizados para representar realidades, bem como, os tipos de suportes e localizações.

Compararam-se os painéis de pinturas rupestres encontrados no sítio trabalhado aqui (Morro do Jacaré) com aquelas estudadas por Kesting⁸², Lima Filho⁸³, Alves⁸⁴, Reis⁸⁵, Ribeiro e Duarte⁸⁶, buscando identificar recorrências temáticas (RT). As figuras que apresentarem temática correspondente com as pinturas definidas por esses autores serão consideradas como recorrentes (RT), e as temáticas novas identificadas serão consideradas não recorrentes (NR), seguindo a classificação estabelecida pelos autores citados acima e sistematizados no banco de dados criados para mapeamento e identificação de atributos de identidades da Pré-História do Vale do São Francisco.

5.2.1. Figuras conhecíveis

Foram identificadas nos suportes rochosos do sítio um universo de 11 figuras conhecíveis.

⁸⁰ C. Kesting, *Identidade dos Grupos Pré-históricos...*

⁸¹ C. Kesting, *Identidade dos Grupos Pré-históricos...*; S. L. Lima Filho, *Pintura Rupestre: definição...*

⁸² C. Kesting, *Identidade dos Grupos Pré-históricos...*

⁸³ S. L. Lima Filho, *Temática Dominante nas Pinturas...*

⁸⁴ R. C. Alves, *Temática Dominante nas Pinturas Rupestres no Boqueirão do Riacho de São Pedro e Boqueirão da Residência, no Município de Sento Sé – BA. UNIVASF. São Raimundo Nonato. 2012. (Monografia de Graduação).*

⁸⁵ R. H. L. Reis, *Temática Dominante nas Pinturas Rupestres no Serrote do Caldeirão da Tiririca, no Município de Sento Sé – BA. UNIVASF. São Raimundo Nonato, PI. 2012. (Monografia de Graduação).*

⁸⁶ C. M. D. Duarte, *Padrão de reconhecimento e temática dominante nas pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, no município de Sento Sé - BA. Monografia de Graduação em Arqueologia – Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2012; C. C. Ribeiro, A tradição Nordeste na Área Arqueológica de Sobradinho – BA. Monografia de Graduação em Arqueologia – Universidade Federal do Vale do São Francisco, 2012.*

5.2.1.1. Figuras conhecíveis recorrentes

Das 11 figuras conhecíveis, 9 representam temáticas recorrentes (RT) e 2, não recorrentes (NR). As recorrências temáticas são assim distribuídas: 3 antropomorfos de braços erguidos (RT – 01); 4 antropomorfos de braços abertos (RT – 03); 2 Lagartos (RT – 09); 3 mamíferos (RT – 10); 2 quelônios (RT – 11) (Tabela 2; Figura 12 a 18).

Nº	Nome do Sítio	Temática ⁸⁷					Total
		RT 01	RT 03	RT 09	RT 10	RT 11	
01	Morro do Jacaré	04	03	02	01	01	11
Total		04	03	02	01	01	11

Tabela 2
Figuras conhecíveis recorrentes



Figura 12
Gráfico referente às figuras conhecíveis

⁸⁷ RT-01: Antropomorfo de braços erguidos; RT-02: Antropomorfo de braços fletidos; RT-03: Antropomorfo de braços abertos; RT-04: Antropomorfo miniatural redondo; RT-05: Antropomorfo de cabeça ornamentada; RT-06: Pássaro de asas fechadas; RT-07: Pássaro de asas abertas; RT-08: Mão; RT-09: Lagarto; RT-10: Mamífero; RT-11: Quelônio. Olho D'Água - 002.6 (Fonte: Kesting, 2007). Morro do Jacaré - Painel 01



Figura 13

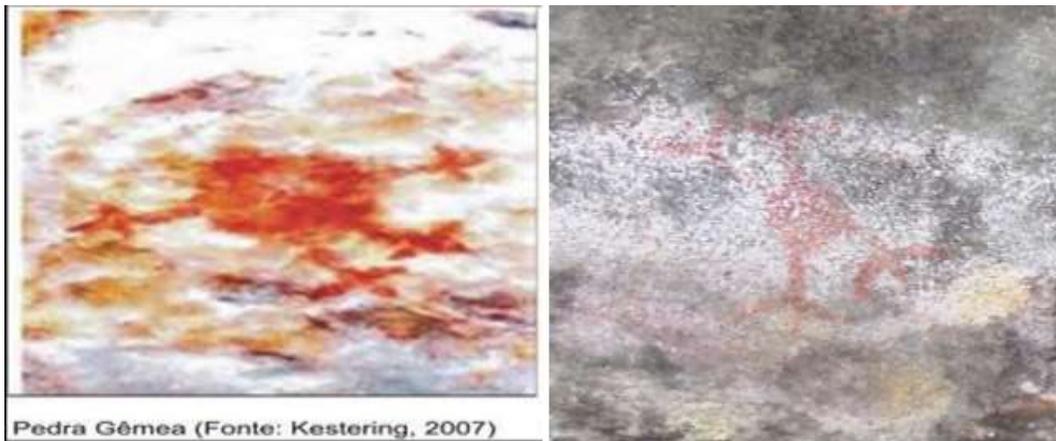
Recorrência temática – RT-01 (antropomorfo de braços erguidos) / Painel 01. Olho D'Água - 002.6 (Fonte: Kesting, 2007). Morro do jacaré - Painel 01



Toca do Tupinã (Fonte: Kesting, 2007)

Figura 14

Recorrência temática RT-03 (antropomorfo de braços abertos) / Painel 01



Pedra Gêmea (Fonte: Kesting, 2007)

Figura 15

Recorrência temática RT-04 (antropomorfo miniatural redondo) / Painel 01

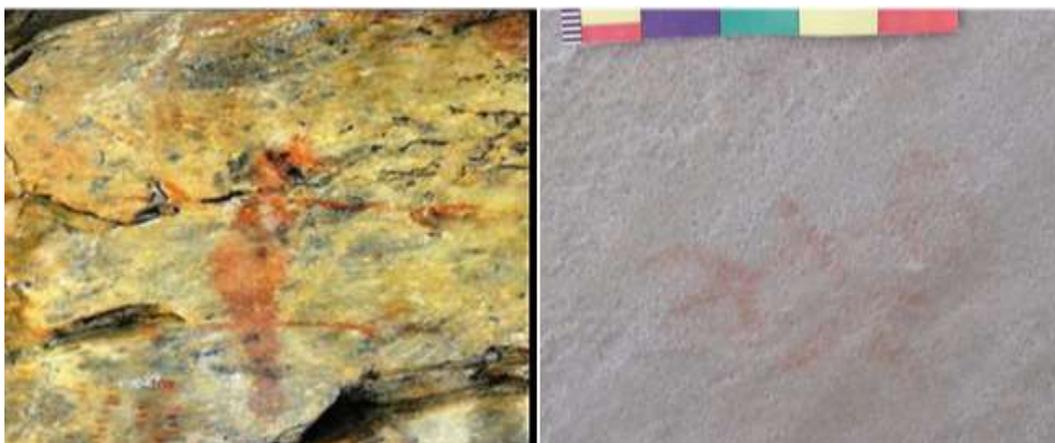


Figura 16

Recorrência temática RT-09 (lagarto). Bonsucesso – 005.2 - Painel 0 2 (Lima Filho)



Figura 17

Recorrência temática RT-10 (mamífero) / Painel 01. São Gonçalo – 014.8 (Fonte: Kesting, 2007). Morro do Jacaré - Painel 01



Figura 18

Recorrência temática RT-11 (quelônio). Olho D'Água – 002.6 (Fonte: Kesting, 2007). Morro do Jacaré - Painel 01

5.2.1.2 Figuras conhecíveis não recorrentes

Identificaram-se uma figura que não é recorrente. A mesma representa uma série de antropomorfos tipicamente relacionados à tradição Nordeste e amplamente encontrada no Vale do São Francisco e região sudeste do Piauí na área de Parque Nacional Serra da Capivara. Obedecendo-se a sequência de Kesting⁸⁸ e Lima Filho⁸⁹, caracteriza-se essa temática como NR-10 (Figura 19)



Figura 19

Temática não recorrentes NR-10. Sítio Morro do Jacaré - Painel 01 (NR-10)

5.2.2. Figuras reconhecíveis

Das 26 figuras reconhecíveis, 23 apresentam temáticas recorrentes, 03 representam temáticas não recorrentes e 02 devido ao estado de deterioração dos painéis, não apresentam temática identificável.

5.2.2.1 Figuras reconhecíveis recorrentes (Tabela 3; Figuras 20 a 30).

Nº	Nome do sitio	Temáticas								Total
		RT1 2	RT1 3	TR1 6	RT1 7	RT2 2	RT2 9	RT43	RT5 2	
01	Morro do Jacaré	4	3	5	3	4	2	2	3	26
Total		4	3	5	3	4	2	2	3	26

Tabela 3

Figuras reconhecíveis recorrentes

⁸⁸ C. Kesting, Identidade dos Grupos Pré-históricos... 83.

⁸⁹ S. L. Lima Filho, Pintura Rupestre: definição...185.

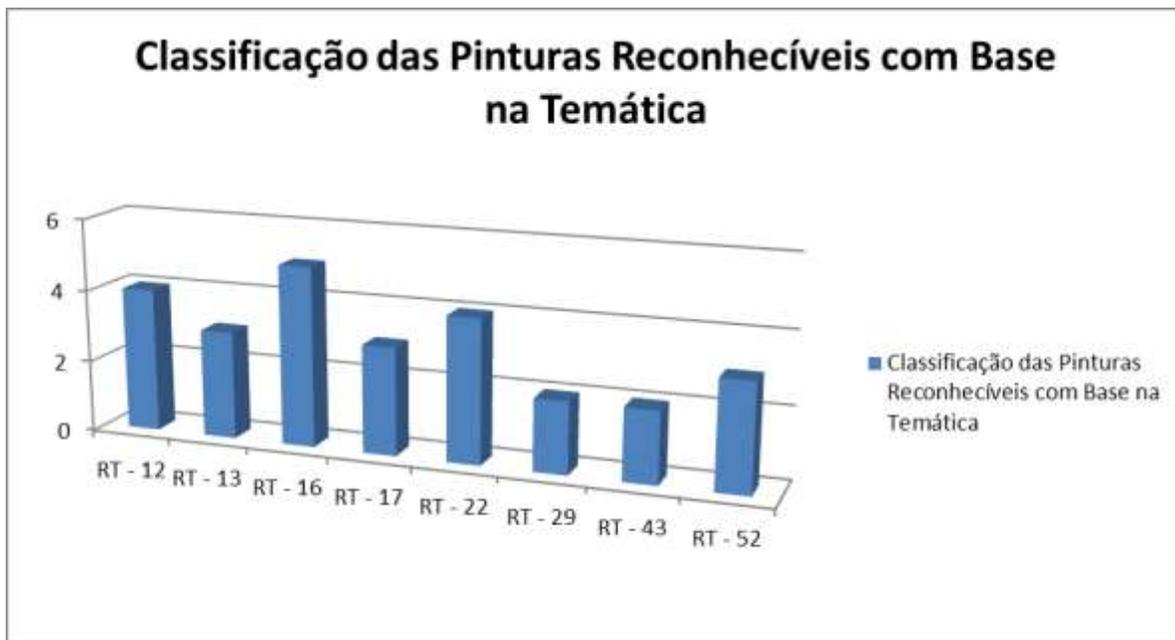


Figura 20
Gráfico referente à recorrência temática das figuras reconhecíveis



Figura 21
Recorrência temática – RT-12. Melgueira – 026.4 (Fonte: Kesting, 2007) Tiririca – 010.2 - Painel 01



Figura 22
Recorrência temática – RT-13. Traíras – 014.8 (Fonte: Lima Filho, 2013) Morro do Jacaré - Painel 02



Figura 23

Recorrência temática – RT-16. Melgueira - 026.23 (Fonte: Kesting, 2007)
Morro do Jacaré - Painel 03



Figura 24

Recorrência temática – RT-17. São Gonçalo – 014.12. (Fonte: Kesting, 2007)
Residência – 012.2 - Painel 08

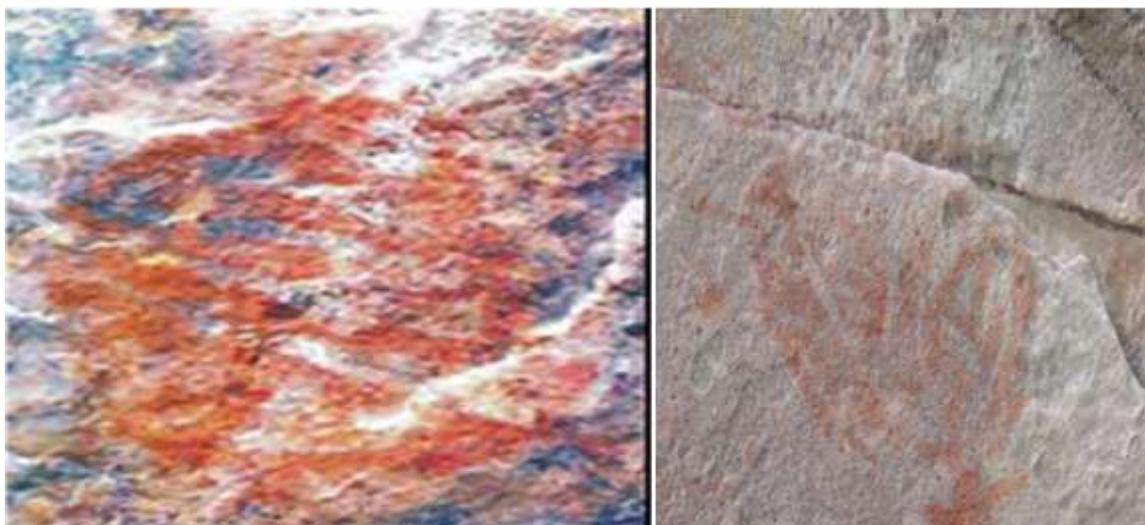


Figura 25

Recorrência temática – RT-22. Melgueira – 026.10 (Fonte: Kesting, 2007)
Morro do Jacaré – Painel 01

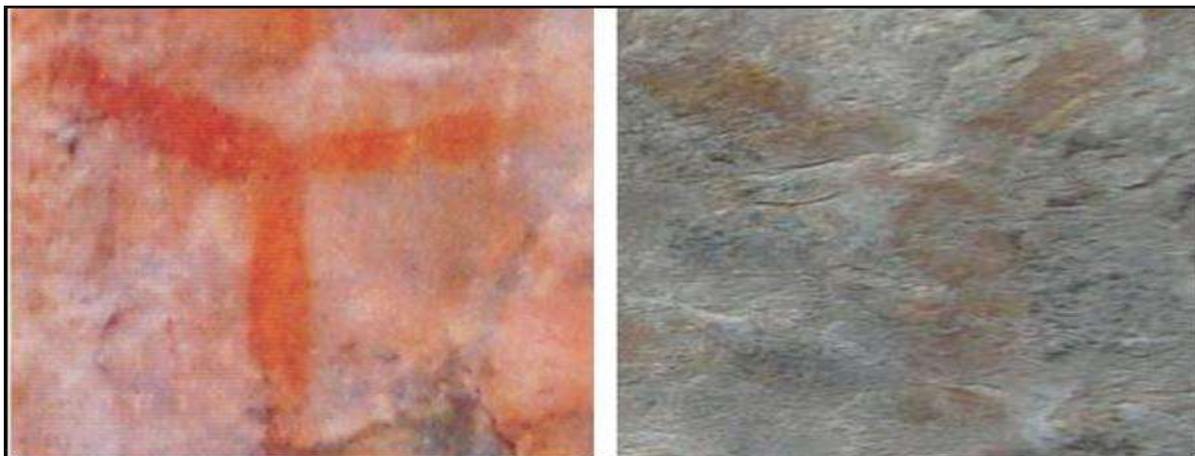


Figura 26

Recorrência temática – RT- Bonsucesso (Fonte: Kesting, 2007). Morro do Jacaré – Painel 0429



Figura 27

Recorrência temática – RT- 29. Grotta do São José – 054 (Fonte: Lima Filho, 2013) Morro do Jacaré – Painel 03



Figura 28

Recorrência temática – RT-43. Brejo de Dentro – 017.16 (Fonte: Kesting, 2007)
Morro do Jacaré – Painel 01



Figura 29

Recorrência temática – RT-43. São Gonçalo – 014.9 (Fonte: Kesting, 2007)
Morro do Jacaré – Painel 03



Figura 30

Recorrência temática – RT-52. São Gonçalo – 014.9 (Fonte: Kesting, 2007)
Morro do Jacaré – Painel 01

5. 3. Discussão dos dados

Ao se considerar as pinturas rupestres como fragmentos de um sistema de comunicação ou de um sistema visual de representação, impressos, voluntariamente por grupos que se fixaram em determinada área, tem-se que levar em conta a forma e a expressividade dessas manifestações. Os ordenamentos não podem desconsiderar o fato de que elas representam uma ínfima parte das representações, que manifestaram realidades vivenciadas individual ou coletivamente pelos grupos pré-históricos.

Na pesquisa em apreço, os grafismos rupestres foram analisados com a adoção dos métodos quantitativo e qualitativo. Buscou-se, através dos mesmos, chegar ao padrão de reconhecimento e, com isso, à temática dominante. A dominância temática fornece dados para a identificação das preferências dos autores envolvidos na produção gráfica no espaço e no tempo.

A análise pelo parâmetro da cognoscibilidade permitiu quantificar 11 pinturas conhecíveis que apresentam temáticas relacionadas com o mundo sensível, não apenas dos produtores antigos, como também dos pesquisadores envolvidos com seus estudos. A temática conhecível representa uma diminuta parcela das pinturas estudadas.

As pinturas conhecíveis (antropomorfos, zoomorfos e mamíferos) foram identificadas no sítio em questão e distribuídas em 4 painéis principais. Sobressaem, em dominância, as temáticas: RT – 01 (Antropomorfo de braços erguidos); RT – 09 (lagarto); RT – 10 (mamífero), seguido da RT – 11 (quelônio). Identificou-se ainda uma nova temática comumente encontrada em sítios do Parna Serra da Capivara e no Vale do São Francisco. Trata-se de um conjunto de antropomorfos miniaturais em uma espécie de marcha (Painel 01). Seguindo a classificação dos grafismos identificados e descritos pelo padrão da Cognoscibilidade, o mesmo foi registrado como NR – 10.

Constatou-se a dominância de pinturas reconhecíveis (puras, geométricas, abstratas, figurativas ou metafóricas). Essa constatação permite filiar, em nível hipotético, o universo gráfico do sítio em questão na Tradição São Francisco. Chegou-se a essa classificação e inserção devido aos elementos técnico-temáticos comuns a referida Tradição rupestre. Uma vez que os grafismos abstratos (geométricos, metafóricos, puros ou reconhecíveis) predominam em cerca de 80% a 100% das representações. A bicromia

é percebida, numa mescla entre o vermelho (dominante) seguido de um amarelo recessivo. As representações antropomorfas e zoomorfas são equivalentes a representações humanas completas ou com os membros parcialmente completos, seguidos de possíveis mamíferos, répteis, tartarugas, e outros com dificuldades no reconhecimento, devido ao estado avançado de degradação dos painéis. Comum é a representação de “tridáctilos” associados à biomorfos. Há algumas possíveis representações de cenas caracterizadas pela presença de grafismos reconhecíveis em associação com antropomorfos. O desvendamento do contexto com possíveis datações e escavações poderá ampliar o quadro de informações para o sítio em apreço, sendo relevante ainda um estudo da cenografia dos painéis e a ampliação da área de pesquisa o que poderá corroborar as proposições inferido no presente relatório técnico.

Percebeu-se que a temática dominante da Subtradição Sobradinho (RT12), representada por traços contínuos, em diagonal ascendente e descendente, quando horizontais, ou da esquerda para a direita e vice-versa, quando verticais esta presente no sítio em questão. Segue-se a sub-dominância temática classificada como RT 16, referida por Prous⁹⁰ como *bastonetes*. As temáticas RT – 22, RT – 15 e RT 52 têm recorrência relativamente grande no universo gráfico do sítio. Sobressai-se nos painéis 01 e 02.

Constata-se que os suportes onde foram realizados os painéis gráficos variam do arenito ao quartzito. O que pode acarretar uma escolha preferencial do grupo ou grupos por esses tipos de suportes. A escolha da toca, onde pode ser encontrada uma quantidade de pinturas e devido ao grau de segurança demonstra a escolha do grupo por áreas protegidas para manutenção e dispersão de elementos culturais que sobreviveram ao tempo e as intempéries. Geomorfologicamente considerando a escolha do Morro como uma área abrigável e segura, tendo-se através da mesma uma clara compreensão da entorno, está ainda próximo a um pequeno riacho o que pode ter permitido a fixação ou servido como zona de passagem de grupos. É bastante provável que pesquisas realizadas em outras áreas próximas nos permitam verificar a confiabilidade das hipóteses levantadas no momento atual.

O estudo técnico realizado no sítio permitiu ainda a revisão e a ampliação dos trabalhos preliminares realizados na região de Caetité, e que até o presente momento não haviam contemplado o sítio rupestre Morro do Jacaré. Frisa-se ainda que a identificação de uma temática amplamente encontrada em regiões já há muito tempo estudada, como é o caso do Vale do São Francisco e da região da Serra da Capivara servem de incentivo para que se amplie a área de pesquisa na região.

Os humanos, atuais e pré-históricos, diversificam-se culturalmente pela ocupação de espaços diferentes, em tempos também diferentes. Mudanças temáticas e técnicas acontecem no sistema de comunicação, a partir da ação de arquivos de memória, processando estímulos ambientais diferentes, mas que não alteram de maneira direta e absoluta suas formas de representação. Selecionam-se, aperfeiçoam-se ou modificam-se os grafismos, para facilitar a transmissão de idéias, com vistas a garantir a sobrevivência dos grupos. As mudanças no sistema simbólico acontecem pelo aperfeiçoamento de mecanismos que reduzem as deficiências dos sistemas de comunicação e de sobrevivência.

⁹⁰ A. Prous, Arqueologia Brasileira...

6. Considerações finais

Os estudos em pintura rupestre vêm ganhando espaço na pesquisa arqueológica atual tanto as que contemplam estudos de caráter acadêmicos quanto às de ordem preventivas, a chamada arqueologia de contrato. Esses vestígios da pré-história têm proporcionado uma relativa quantidade de informações que permitem chegar ao reconhecimento de alguns atributos da identidade de seus autores. Tem-se que continuar a pesquisa buscando reconhecer padrões estilísticos das pinturas do sítio em questão.

Como as identidades são sempre situadas no tempo e no espaço é necessário também desvendar o contexto arqueológico que contemple essas duas dimensões. Por isso é fundamental que se prospecte regiões do entorno do sítio Morro do Jacaré. Novas prospecções e escavações terão que ser efetivadas para chegar-se ao reconhecimento de outros atributos da identidade dos grupos pré-históricos que ocuparam a região.

As pinturas rupestres identificadas e estudadas foram realizadas com base no conjunto de conhecimentos acumulados pelos autores, na sua relação com o contexto ambiental. Os conhecimentos, adquiridos e gerenciados por uma comunidade, fazem com que os seus indivíduos tenham uma maneira própria de interpretar o mundo. É o que se chama de mapa cognitivo. Os registros gráficos apresentam características temáticas e técnicas peculiares de cada território ocupado, com as suas especificidades de clima e de paisagem.

Avalia-se que essa pesquisa alcançou o objetivo proposto porque permitiu definir, inventariar, caracterizar e diagnosticar uma parcela do patrimônio arqueológico de Caetité – BA, que se encontra ameaçado de desaparecer pela ação de fatores naturais, biológicos e antrópicos. Propõe-se que medidas de conservação e preservação patrimonial sejam iniciadas no sítio em questão. Necessita-se também de políticas de educação patrimonial nas comunidades do mesmo. Quando a comunidade local desenvolver a relação de pertencimento desses vestígios, os mesmos poderão durar mais algumas dezenas ou centenas de anos.

Além disso, é preciso intensificar a pesquisa de grafismos rupestres em todo o vale e regiões do entorno. A intensificação das pesquisas em outras feições próximas permitirá comparar resultados e verificar a confiabilidade das proposições feitas nesse estudo preliminar do sítio e da área em apreço.

Bibliografía

Aldenderfer, M. S. Quantitative Research in Archaeology: Progress and Prospects. Newbury Park, CA: Sage. 1987.

Alves, R. C. Temática Dominante nas Pinturas Rupestres no Boqueirão do Riacho de São Pedro e Boqueirão da Residência, no Município de Sento Sé – BA. UNIVASF. São Raimundo Nonato. 2012. (Monografia de Graduação).

Azevedo Netto, C. X. Arte Rupestre no Brasil: Questões de transferência e representação da informação como caminho para interpretação. UFRJ. Rio de Janeiro. 2001. (Tese de Doutorado).

Baeta, A. M. Os Grafismos Rupestres e suas Unidades Estilísticas no Carste de Lagoa Santa e Serra do Cipó – MG. USP. São Paulo. 2011. (Tese de Doutorado).

Bahn, P. e Renfrew, C. Arqueología. Métodos y práctica. Madrid: Ed. Akal. 1998.

Barreto, C. “A construção de um passado pré-colonial: uma breve história da arqueologia do Brasil. Dossiê Antes de Cabral: Arqueologia Brasileira”. Revista da USP num 44 (2006): 32-51.

Binford, L. R. Pursuit of the Past: decoding the archaeological record. London & New York: Thames & Hudson. 1983.

Calderón, V., Jácome, Y. D., Soares, I. D. C. Relatório das atividades de campo do Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico. 1977.

Clarke, D. L. Arqueología Analítica. Bellaterra, Ediciones S.A. 1984.

Drennan, R. Statistics for Archaeologists. Londres: Springer Science+Business Media. 2009.

Duarte, C. M. D. Padrão de reconhecimento e temática dominante nas pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho do Bonsucesso, no município de Sento Sé - BA. Monografia de Graduação em Arqueologia – Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2012.

Dunnell, R. C. Classificação em Arqueologia. São Paulo/EDUSP. 2009.

Empereire, A. L. Guidon, N., Pallestrini, L. e Prous, A. “Documents pour la préhistoire du Brésil meridional”. L'État de São Paulo, Cahiers d'archéologie d'Amérique latine num 2 (1973).

Etchevarne, C. Escrito na Pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia. Rio de Janeiro: Versal. 2007.

Gaspar, M. A arte rupestre no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2003.

Godoy, A. S. “Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades”. Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, Vol: 35 (1995).

Guidon, N. Les Peintures Rupestres de Várzea Grande, Piauí. Universidade de Sorbone, Paris, França, Vol: 1 (1975). (Tese de Doutorado)

Guidon, N. Os Registros Rupestres da Região de São Raimundo Nonato, Piauí – Brasil. São Paulo: Arquivos do Museu Paulista. 1982.

Guidon, N. “Tradições Rupestres da Área Arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil”. CLIO-Arqueológica, num 5 (1989): 5-10.

Hayati, J & Tymstra, A. “Combining qualitative and quantitative methods in the measurement of rural poverty”. Social Indicators Research num 75 (1993): 361-394.

Hayati, D; Karami, E. e Slee, B. “Combining qualitative and quantitative methods in the measurement of rural poverty”. *Social Indicators Research*, Vol: 75 (2006): 361-394.

Himour, B. Graffiti Historic. Artigo disponível em: www.DStretch.com. 2009. [Consultado em 05 de Agosto de 2012].

Ismardis, A. Entre as Pedras: As ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de diamantina, Minas Gerais. USP. 2009 (Tese de Doutorado)

Johildo, S. e Sabaté, P. “Colagem Paleoproterozóica de Placas Arqueanas do Cráton do São Francisco na Bahia”. *Revista Brasileira de Geociências – (I-Suplemento)*: (2003): 7-14.

Kesting, C. Registros Rupestres na Área Arqueológica de Sobradinho. UFPE. Recife. 2001. (Dissertação de Mestrado).

Kesting, C. “Estratégias de conservação das pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho São Gonçalo, em Sobradinho – BA”. *CLIO-Arqueológica* num 16 (2006): 49-66.

Kesting, C., Identidade dos Grupos Pré-históricos de Sobradinho. Recife. UFPE. 2007. (Tese de Doutorado).

Kesting, C. Patrimônio Arqueológico de Sento Sé – BA. (prelo).

Lage, M. C. S. M., “Sítios de Registros Rupestres: Monitoramento e Conservação”. *Dossiê Arqueologias Brasileiras*, Vol: 6 num 13 (2005): 1-24.

Lage, M. C. S. M; Cavalcante, L e Gonçalves, A. A. “Intervenção de conservação no sítio Pequeno, Parque Nacional de Sete Cidades, Piauí – Brasil”. *Revista Fundamentos*, Vol: 1 num 6 (2006): 50-65.

Lage, M. C. S. M. e Borges, J. F. “A Teoria da Conservação e as Intervenções no Sítio do Boqueirão da Pedra Furada – Parque Nacional Serra da Capivara”. *CLIO-Arqueológica* num 16 (2007): 33-47.

Lima Filho, S. L. de. Temática Dominante nas Pinturas Rupestres do Boqueirão do Riacho das Traíras, no Município de Sento Sé – BA. UNIVASF. São Raimundo Nonato, Piauí. 2010 (Monografia de Graduação).

Lima Filho, S. L. de. Pintura Rupestre: definição das fronteiras da subtradição Sobradinho – BA. Aracaju. Universidade Federal de Sergipe/UFS. 2013. (Dissertação de mestrado)

Martin, G. Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: UFPE. 2008.

Martin, G e Guidon, N. “A Onça e as Orantes: Uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres do NE do Brasil”. *CLIO–Série Arqueológica*. Vol: 25 num 01 (2010): 11-30.

Ott, C. Pré-História da Bahia. Salvador. UFBA. 1972.

Patton, M. *Qualitative research and evaluation methods*. Londres: Thousand Oaks Sage Publications. 1997.

Pessis, A. M. Contexto e apresentação Social dos Registros Visuais da Antropologia Pré-Histórica. Anais do I Simpósio de Pré-história do Nordeste Brasileiro. 1987.

Pessis, A. M. "Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-Históricos do Nordeste do Brasil". CLIO–Série Arqueológica, Vol: 1 num 8 (1992): 35-68.

Pessis, A. M. "Registros Rupestres, Perfil Gráfico e Grupo Social". CLIO–Série Arqueológica, num 9 (1993): 7-14.

Pessis, A. M. e Guidon, N. "Ars Indígenas Pré-Históricas do Brasil". CLIO–Série Arqueológica, num 14 (2000): 12-25.

Pessis, A. M. Imagens da Pré-história. Parque Nacional Serra da Capivara. FUMDHUAM, 1ª edição. 2002

Prous, A. Arqueologia Brasileira. Brasília. Ed. UNB. 1992.

Prous, A. "As esculturas Zoomorfas do Sul do Brasil e Uruguai". Cadernos de Arqueologia da América do Sul num 05 (1997).

Prous, A. Arte Pré-histórica do Brasil. Anais da UFMG/MG. 2001. Disponível em: <https://comartevirtual.com.br/produto/arte-pre-historica-do-brasil>.

Ribeiro, L. Os Significados das Similaridades e do Contraste entre os Estilos de Arte Rupestre: Um estudo regional das pinturas e gravuras do alto médio São Francisco. USP. São Paulo. 2006 (Tese de Doutorado).

Ribeiro, C. C. A tradição Nordeste na Área Arqueológica de Sobradinho – BA. Monografia de Graduação em Arqueologia – Universidade Federal do Vale do São Francisco. 2012.

Reis, R. H. L. Temática Dominante nas Pinturas Rupestres no Serrote do Caldeirão da Tiririca, no Município de Sento Sé – BA. UNIVASF. São Raimundo Nonato, PI. 2012. (Monografia de Graduação).

Santos, P. A. Os Registros Rupestres da Região de Jaguarari, Bahia. São Raimundo Nonato – PI. UNIVASF. Monografia de Graduação em Arqueologia. 2010.

Schmitz, P. I., Barbosa, A. S., Ribeiro, M. B. e Verardi, I. Arte Rupestre no Centro do Brasil: pinturas e gravuras da Pré-História de Goiás e oeste da Bahia. São Leopoldo – RS: UNISINOS. 1987.

Shennan, S. Quantifying Archaeology. Edinburgh: Edinburgh University Press. 1997.

Schobbenhaus, C. Geologia do Brasil texto aplicativo do mapa geológico do Brasil e área oceânica incluindo depósitos minerais: escala 1:2.500.000. Brasília: DNPM. 1984.

Souza, S. S. Cenografia Emblemática da Tradição São Francisco na Área Arqueológica de Sobradinho – BA. UNIVASF. São Raimundo Nonato, PI. 2010. (Monografia de Graduação).

Trigger, B. G. História do Pensamento Arqueológico: Tradução Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora. 2004.

Anexo

Sítio Rupestre Morro do Jacaré – Caetité, Brasil

Levantamento cadastral e fotográfico

Sítio: Morro do Jacaré
Local: Fazenda Félix Pereira
Região: Caetité

1. Coordenadas:

1.1 UTM 23L: 0762086 1.2 UTMN: 8451098 1.3 Altitude: 984m

2. O Suporte:

2.1 Localização: Serrote do Jacaré
2.2 Grupo geológico: Cratón do São Francisco
2.3 Unidade: ...
2.4 Estrutura: Rocha metavulcanossedimentar
2.5 Composição: arenito
2.6 Feição: Toca

3. O Sítio:

3.1 Altura relativa: Média vertente
3.2 Orientação: Norte-sul
3.3 Abertura: Oeste
3.4 Tipo: Ancantil
3.5 Comprimento: 60m
3.6 Altura: 3.70cm
3.7 Largura: da Toca Central 6.80 cm
3.8 Sedimento: Existe. Mas já revolvido



Figura 31
Sítio Morro do Jacaré. Caetité-Brasil

1. <i>ainel</i>	Conhecível	Reconhecível	Irreconhecível	Total
01	08	18	04	26
02	02	04	03	09
03	-	03	02	05
04	-	01	01	02
Total	10	26	10	44

Tabela 4

Vestígios arqueológicos: Pinturas rupestres. Pesquisador: Sebastião Lacerda de Lima Filho. Guia: Cival Soares Félix



Figura 32

Painel 01. Grafismos rupestre em coloração vermelha e amarela. Sítio Morro do Jacaré, Caetité-Brasil



Figura 33

Painel 02. Grafismos rupestres em coloração vermelha. Sítio Morro do Jacaré, Caetité-Brasil



Figura 34
Painel 03. Grafismos rupestres em coloração vermelha. Sítio Morro do Jacaré, Caetité- Brasil



Figura 35
Painel 04. Grafismos rupestres em coloração vermelha. Sítio Morro do Jacaré, Caetité-Brasil



Figura 36

Painel 05. Grafismos rupestres em coloração vermelha. Sítio Morro do Jacaré, Caetité-Brasil



Figura 37

Painel 06. Grafismos rupestres em coloração vermelha. Sítio Morro do Jacaré, Caetité-Brasil

Las opiniones, análisis y conclusiones del autor son de su responsabilidad
y no necesariamente reflejan el pensamiento
de la **Revista Cuadernos de Arte Prehistórico**.

La reproducción parcial y/o total de este artículo
debe hacerse con permiso
de **Revista Cuadernos de Arte Prehistórico**.